

Compartilhando Experiências

Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti

Compartilhando Experiências

Dialogando com a prática da alfabetização

1ª Edição - 2009

canal6 editora

canal6 editora

Rua Eng. Alpheu José Ribas Sampaio, 3-40
Jd. Infante Dom Henrique | CEP 17012-631 | Bauru, SP
Fone (14) 3313-7869 | www.canal6.com.br

F2778c Furlanetti, Maria Peregrina de Fátima Rotta
Compartilhando Experiências: Dialogando com a prática
da alfabetização / Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlan-
etti. - Bauru, SP : Canal6, 2009.
136 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7917-021-8

1. Educação. I. Título.

CDD 155.4

Copyright© Canal 6, 2009

e-mail da autora:
fatimarotta@hotmail.com

Agradecimentos

Um sonho realizado e marcado na minha alma o qual sem as estagiárias / estagiários e sem os alfabetizandos / alfabetizandas que me acompanharam nesta caminhada jamais este livro poderia ter sido construído, entretanto a minha família que com toda a paciência e tolerância suportou minhas ausências e as minhas presenças cheias de ansiedade, meu amigo “Dema” que construiu toda a editoração e me acompanhou reaprendendo comigo a escrever e a ler pacientemente os textos e a todos /todas que de alguma forma sentem como eu a marca desta concretização,

Simplesmente, obrigada

Fátima

SUMÁRIO

Prefácio	9
Apresentação.....	11

Capítulo I

Compartilhando experiências.....	13
Recuperando minha história.....	13
Os caminhos e a pesquisa em educação de jovens e adultos.....	14
A metodologia do ensinar e do aprender	20
A avaliação: uma relação amorosa	26
O planejamento: projeto pedagógico dialógico	31

Capítulo II

Dialogando com a prática da alfabetização	43
Memórias.....	43
Meu nome.....	45

Capítulo III

Lendo e escrevendo o cotidiano na partilha das experiências	57
Consumidores conscientes - cidadãos reponsáveis	57

Lendo o jornal - a imprensa no cotidiano	68
Re-construindo a nossa história.....	74
Escrevendo e lendo cartas: recebendo e enviando mensagens	88

Capítulo IV

O saber de casa vai para a escola.....	103
O saber do cotidiano.....	103
Receitas de nossas vidas.....	113
As canções da nossa infância	125
Provérbios e ditados populares.....	128

PREFÁCIO

“Os discursos de quem não viu, são discursos; os discursos de quem viu, são profecias”. A frase do padre Antonio Vieira se aplica à perfeição a este livro.

A professora Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti viu. Cada uma das idéias que ela traz neste livro, que muito apropriadamente se chama “Compartilhando Experiências”, traz a marca de uma ampla vivência e profunda reflexão em torno da Educação de Jovens e Adultos.

As idéias mais gerais que orientam a Educação de Adultos, como a de que “a aprendizagem escolar, ao promover um conhecimento legitimado pela sociedade, só se torna significativa para o(a) aluno(a) se fizer uso e valorizar os seus conhecimentos anteriores, se produzir saberes novos, que façam sentido na vida fora da escola, se possibilitar a inserção do jovem e adulto no mundo letrado”, como se lê no texto do MEC “Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos”, adquirem nas práticas propostas pela professora Fátima, concretude e vida.

Com um longo trabalho junto às populações mais excluídas – acampados e assentados rurais, moradores de rua, jovens em liberdade assistida, presidiários, cegos e muitos outros – a professora Fátima tem buscado os caminhos para que a Educação junto a eles cumpra efetivamente aquilo que se lê na declaração de Hamburgo: “A educação de jovens e adultos pode modelar a identidade do cidadão e dar significado à sua vida”.

Sem nunca dissociar aprendizagem e formação do cidadão, alfabetização e conscientização, a professora nos traz idéias pedagógicas nas quais a problematização do cotidiano e a reflexão sobre os diversos temas culturais são, ao mesmo tempo, ancoragens para a apropriação da cultura letrada e para o crescimento pessoal e social dos educandos.

Texto riquíssimo para a formação de Educadores de Jovens e Adultos, o livro da professora Fátima ajuda a desenvolver uma Educação de Jovens e Adultos no Brasil que contribua para a construção de um país mais justo e feliz. Não posso deixar de usar a palavra “feliz”, porque, conhecendo a professora Fátima, sei que a alegria é uma das marcas mais fortes que ela imprime às suas ações pedagógicas. Já dizia Oswald de Andrade: “Alegria é a prova dos nove...”

E, considerando o potencial da Educação de Jovens e Adultos na criação de um Brasil melhor, e a grande contribuição deste livro a esta Educação, não há dúvida que ele se constitui de fato, de acordo com a frase do padre Vieira, numa profecia.

Presidente Prudente, Dia do Índio de 2007

Cristiano di Giorgi

APRESENTAÇÃO

De quantos olhares (histórias),
Precisamos para ver nossas vivências
Para compartilhar o meu olhar
Preciso concretizar em escrita
As minhas utopias.

Que saíram do desejo de ser,
Passaram pela necessidade de realizar,
Para chegar na concretude do compartilhar.

Realizando a concretização de minha utopia
Posso enfim partilhar – com (todos e todas)
Que de alguma forma com - viveram experiências.

Contribuindo para a construção de cada identidade
Partilhando a cada passo a re-construção cultural
Materializando as mensagens das descobertas
O olhar que cada (um e uma) traz de seu mundo,
Que pode e deve ser compartilhado.

Primavera 2007

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

RECUPERANDO MINHA HISTÓRIA

Este trabalho emerge da necessidade de organizar o material didático utilizado desde 1991 em programas e projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos dos quais participei, ora como educadora, ora como orientadora pedagógica.

Desde que tivemos de orientar alunos e alunas do curso de graduação de pedagogia, geografia e educação física que participaram do PEJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos criado na Pró-Reitoria de Extensão, PAS - Programa de Alfabetização Solidária, PRONERA - Programa Nacional de Educação de Adultos para a Reforma Agrária e também os educadores dos projetos que desenvolvemos junto à comunidade nos assentamentos rurais São Pedro e Nova Conquista do Município de Rancharia, passamos a organizar e planejar as aulas de acordo com cada turma, cada educador com suas respectivas necessidades.

Vimos, também, que o início do trabalho junto aos educandos, principalmente com educadores inexperientes em alfabetização, é lento, cheio de expectativas e ansiedades. Para tanto, a sugestão de começo de atividades se tornou quase uma “receita”, vamos dizer assim, “os ingredientes para a receita” e o produto final acontecia de acordo com os educadores e educandos.

A necessidade de elaborar as capacitações para os educadores e educadoras fez com que nos preocupássemos com a didática e recursos para a sala de aula, principalmente com as educadoras e educadores leigos dos programas governamentais como o PRONERA e o PAS, e também com as estagiárias bolsistas da universidade, do PEJA/

PROEX - PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS que acompanhamos, quando também tivemos a preocupação na formação inicial numa perspectiva da educação popular.

O nosso objetivo, neste momento, é disponibilizar atividades didáticas que atendam as especificidades da EJA e que sirvam como apoio à ação pedagógica de educadores, coordenadores pedagógicos e orientadores.

Sabemos que materiais e atividades didáticas são essenciais para a sala de aula, e os cursos de formação de professores pouco ou quase nada oferecem de estudos sobre essa modalidade de ensino, EJA, assim os educadores não possuem materiais adequados para esta especificidade de ensino e também as salas de alfabetização atendem grupos de baixo poder aquisitivo e poucos educadores possuem condições para a aquisição de livros. Compreendemos que os educadores não possuem recursos didático e muito menos materiais suficientes para desempenharem um bom trabalho de alfabetização. Também, sabemos que as instituições que contratam esses educadores pouco respaldo dão para planejarem e executarem as suas aulas.

OS CAMINHOS E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em nossa pesquisa para o doutorado, verificamos junto aos educandos a necessidade de terem um livro como declara um do entrevistados: *“Eu acho que deveria ter um livro pra gente ter uma lição. Ter um livro pra levar pra casa”*. Outro pediu: *era “bom uma cartilha mais explicada, que empurrasse a gente”*. Acreditamos na necessidade de os educandos terem um livro, por acreditar que o livro dá o “status” de aluno, “status” de quem já sabe ler e escrever. A nossa proposta é que no coletivo o livro seja construído junto com o próprio processo de escolarização.

Além disso, sabemos que muitas salas de alfabetização funcionam no período noturno, quando a escola está fechada e o educador fica sem acesso à biblioteca da escola, *Tudo na escola é fechado à noite...o município deveria valorizar a EJA, ter escolas, as salas serem espaçosas, mais materiais* (Pereira, 2003; p.47), isto, quando está dentro da escola, porque em sua maioria várias salas de alfabetização se encontram afastadas de tudo, como no caso dos assentamentos rurais e no nordeste, nos povoados, e tanto educadores como educandos ficam sem o mínimo de material de leitura para consulta e preparação de aulas.

A elaboração deste material foi pensando no educador (a) que precisa planejar suas aulas entendendo as necessidades e potencialidades de seus alunos e que sirva como orientação e apoio básico para estruturar suas ações de intervenção nas hipóteses sobre a escrita de seus alunos.

O conceito de alfabetizado tem evoluído muito. Inicialmente podemos declarar que não alfabetizado é aquela pessoa que não sabe ler e escrever. Mas temos tido muitas discussões acerca desse conceito e temos muitas formas de determinar quando uma pessoa é alfabetizada. Em muitos países adiantados econômica e tecnologicamente, o conceito de que uma pessoa alfabetizada é ser capaz de assimilar instruções escritas de caráter técnico, responder questionários com certa complexidade ou ainda que seja capaz de compreender um breve e simples relato escrito de sua vida cotidiana.

Partindo do pressuposto que cada pessoa jovem e adulta a ser alfabetizada tem sua hipótese sobre a língua escrita e também sobre o uso da escrita, o que se precisa trabalhar são as habilidades, conhecimentos e atitudes necessários para se apropriarem da língua escrita de maneira que, fazendo uso social possam compreender o discurso contido nas palavras e nos textos. Partindo dos dados de Teberosky (1992), verificamos que o importante é que o educador conheça a função social da escrita, para que as suas aulas tenham

atividades referentes à utilização da escrita no cotidiano, portanto dentro da função social tal como foi criada pela humanidade. Para a autora quando algo está escrito

é quando há uma marca produzida para ocupar o lugar de algo ou objeto abstrato sendo específica num determinado lugar e num determinado tempo... e a escrita é de ordem semântica: escreve-se dentro de um contexto, para isto se tem grupos de palavras significativas para determinados textos no contexto.. O ser humano escreve quando há objetivo ou um propósito: Na função social da escrita. TEBEROSKY,A. 1992

Assim, esclarece que o ser humano escreveu porque:

- precisou registrar e arquivar - *função mnemônica*: ampliação da memória e ampliação do uso da escrita;
- precisava de *controle* - *função reguladora de conduta*: leis, normas e regras, documentos, registros e obrigações civis, administrativas, (publicidade/propaganda/censura);
- precisou materializar as mensagens, o que se escreve não se perde no tempo nem no espaço e permite conectar-se com o outro à distância – *função de comunicação*: cartas, bilhetes, ofícios, folders, cartazes,...
- produziu inovações, combinando novas formas com as mesmas regras e o escritor/autor retoca sua obra aperfeiçoando- *função estética*: novelas, romances, dramas, música, poesia, comédias, ficção...

Ensinar as primeiras letras, como o ensino tradicional, não faz mais sentido, porque o processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita deve ser simultâneo com as práticas sociais de escrita.

...a alfabetização em seu sentido restrito - a aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita - não precede nem é pré-requisito para o alfabetismo funcional, ou letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita: os dois processos são simultâneos e interdependentes. (Soares, 2004)

Após a pesquisa de Ferrero (1983), A Psicogênese Da Língua Escrita, não se pode mais negar que a pessoa que vive numa cultura letrada constrói hipóteses, conhecimentos sobre a escrita muito antes de dominar a decodificação das letras:

Fundamentalmente a aprendizagem é considerada pela visão tradicional, como técnica...Aprende a técnica da cópia, do decifrado. Aprende a sonorizar um texto e copiar formas. A minha contribuição foi encontrar explicação, segundo a qual, por trás de quem pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma pessoa que pensa. Essa pessoa que pensa a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidos. (Ferrero, 1990)

Entretanto, para o enfrentamento das situações do cotidiano, as pessoas precisam desenvolver habilidades, conhecimentos e atitudes de leitor e escritor e para realizar essas competências se faz necessário mobilizar uma rede de conhecimentos prévios, capacidades de estabelecer relações lógicas complexas, realizar inferências. (Ribeiro, 2001, p.46).

O desafio da sala de aula de jovens e adultos é tratar a língua escrita em sua função social desenvolvendo as competências neces-

sárias para que o educando possa viver cotidianamente no mundo letrado sem se sentir discriminado, com condições de compreender os discursos da elite com atitudes de soberania e independência.

As pessoas jovens e adultas são pessoas que procuram a escola para aprender a ler e a escrever por várias razões, entretanto muitas não percebem que não tiveram a oportunidade por razões sociais, políticas e culturais. Elas estão sempre buscando as razões por serem pobres, porque o pai não deixou estudar, porque era longe a escola, mas em nenhum depoimento encontramos a resposta crítica de que a educação é um direito inalienável, que além de estar presente na constituição, é um dever social, pois é um produto da exploração econômica e do desenvolvimento industrial e consequentemente da falta de políticas públicas de intervenção.

No Balanço Intermediário da V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA) chega-se à conclusão de que, não obstante os compromissos assumidos em 1997 com a Declaração de Hamburgo e A Agenda para o Futuro, a educação e aprendizagem de adultos não receberam a atenção que merecem nas principais reformas educacionais e nas recentes iniciativas internacionais para eliminar a pobreza, alcançar a equidade de gênero, prover a educação para todos e fomentar o desenvolvimento sustentável. Nosso Balanço Intermediário da situação mundial da educação e aprendizagem de adultos – conduzida de forma temática, global, regional, nacional e local, pelos governos, pelas organizações não-governamentais e da sociedade civil, pelas redes engajadas, pelos movimentos sociais e por outros parceiros – tem revelado, efetivamente, uma regressão inquietante neste campo. Queremos lembrar ao mundo que a educação e aprendizagem de adultos são um

direito humano básico e, por isso, deve permanecer sendo uma responsabilidade coletiva, compartilhada por todos os que aprendem, pelos educadores de adultos, organizações governamentais, não governamentais e da sociedade civil, o setor produtivo e entidades internacionais assim como toda a família das Nações Unidas. Todos esses atores e parceiros devem trabalhar com a UNESCO e demais agências da ONU para impulsionar, monitorar coletivamente e responder pelo endosso à implementação da aprendizagem ao longo da vida, feito por ocasião da V CONFINTEA.

Vemos que este fenômeno deve ser abordado em cada contexto histórico concreto para se buscar em formas mais realistas para a verdadeira solução do problema. Entretanto temos observado que a essência do analfabetismo é a mesma em todos os lugares do mundo, e principalmente em nosso país: a pobreza. Além da pobreza, o alto índice de analfabetismo está situado na discriminação étnica, de gênero, das populações da zona rural, dos bairros marginalizados e das periferias das cidades. E isto é exclusão social.

A nossa meta na confecção deste livro é poder contribuir para que os educadores reflitam com seus pares e com seus educandos a importância de oferecer condições de escolaridade para o desenvolvimento cultural e profissional de seus alunos e que passem a associar a alfabetização à ampliação das habilidades relacionadas ao alfabetismo ou letramento, isto é promover atitudes de leitura que favoreçam o educando a se apropriar de novos conhecimentos e habilidades para o seu desenvolvimento enquanto ser humano, cidadão de direito. Para isso se faz necessário que se utilizem em sala de aula materiais escritos com uma diversidade de textos e de portadores de textos compreendendo suas funcionalidades e qualidades.

A língua não é apenas um instrumento de comunicação ou de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não se busca apenas ser compreendido, mas também acreditado, obedecido, respeitado, distinguido...” Bordieu, 1977

Experiências com as diferentes funções da escrita e com o poder que dá o domínio da escrita e da leitura, as pessoas aprendem a serem leitoras a escritoras construindo a sua forma de ler o mundo com consciência crítica. Acreditamos, pois tivemos a oportunidade de vivenciar experiências com diversos portadores e tipos de textos, como por exemplo: textos do tipo informativo; publicitário; classificados; romances; poesia; cartas, ofícios, bilhetes, requerimentos; leis; regras; fichas; formulários; relatórios; entrevistas; novelas; reportagens; contos; panfletos; folders; out door; e muitos outros que encontramos em nosso cotidiano e que fazem de nossa vida cotidiana um mundo letrado, e adentrar no mundo letrado é ter disponível o maior número possível de textos e seus mais diversos portadores.

A METODOLOGIA DO ENSINAR E DO APRENDER

Precisamos transformar as ações pedagógicas, reinventá-las para que as práticas letradas não sejam somente as práticas de leitura da sala de aula, mas que sejam ações de leitura e escrita dentro do contexto das funções em que a escrita socialmente foi desenvolvida.

As aprendizagens de atitudes de ser leitor e escritor estão incorporadas nos educadores como os textos elaborados e escritos nas escolas; esquecem que a escrita é uma invenção humana e como tal tem a sua função social. Este é o nosso desafio, desenvolver práticas pedagógicas que dêem conta de desenvolver no educando as atitudes de ser leitor e escritor.

Entretanto, vivenciar os diversos tipos de textos é conhecer os seus portadores, para que se possa ser um escritor de textos é necessário compreender a utilização de certos materiais em determinados textos.

Conhecer para quem e porque se escreve dará a oportunidade de se pensar sobre que tipo de material e instrumento se deve utilizar para a escrita, isto é, que tipo de papel, é um texto para ser guardado, é um texto para ser lido e jogado? É um texto para que muitas pessoas leiam manuseando ou deve estar em local para que muitas pessoas possam ler? – pensando assim estaremos projetando os custos do material e se vale a pena fazer de um ou de outro tipo. O que estamos esclarecendo é que para escrever tem se que saber quem será o leitor, ou vários leitores, com que intenção, se tem o lugar de onde se escreve e o lugar onde estará o leitor, que posição ele ocupa e em que espaço de tempo e lugar ele se encontra, assim, poderemos escolher, fazer opções, sobre que tipo de material será o portador de texto e que tipo de texto deverá ser construído.

O educador preocupado com os conteúdos a serem ministrados na sala de aula faz o levantamento do diagnóstico de seus alunos; levantamento das hipóteses da escrita e do alfabetismo; precisamos conhecer nossos educandos, ou seja, conhecer as suas práticas de alfabetismo.

Ribeiro (2001, p.57) esclarece que os educandos com baixo nível de alfabetismo possuem atitudes de uso pragmático da linguagem escrita. Assim, podemos compreender que os alfabetizandos em fase inicial procuram a escola para aprender a ler e escrever cartas pessoais, ler a bíblia – como acompanhamento de cultos religiosos, e complementa a autora que esse domínio da escrita é de componente fortemente afetivo.

Em nossas entrevistas com os educandos pudemos verificar esse domínio quando perguntamos porque querem aprender a ler e a escrever, e, alguns nos deram as seguintes respostas:

Eu acho bonito quem pega a bíblia pra ler. Eu quero ler a bíblia , outro completa , Eu também queria aprender a pegar o ônibus.

Uma resposta muito interessante foi a de uma educanda que expressa o seu desejo de escrever porque:

Eu tinha muita vontade de um dia assinar meu nome, porque eu assinava, mas com dificuldade, então quando ia na cidade e pegava um cheque pra levar pra descontar num banco...eu vivia perguntando para os outros: Onde fica tal banco? O seu moço, faz o favor? Viviam quebrando a cabeça. Pra pegar um ônibus às vezes pegava errado, queria ir pra praça e pegava tudo errado.

Queremos mostrar que as necessidades de se aprender a ler e a escrever inicialmente dos nossos educandos estão situadas dentro das necessidades mais imediatas, do uso mais prático do conhecimento, que sua condição de leitor e escritor lhe permite. Entretanto, não podemos pensar que isso bastará para que nossos educandos sejam leitores e escritores, se faz necessário desenvolver atividades que desenvolvam as suas habilidades de leitores e escritores para que sejam desafiados a buscar informações para melhor compreensão do mundo.

Para tanto, os educadores por sua vez, precisam reconhecer nas práticas pedagógicas tarefas significativas de leitura e escrita, portanto, o educador deve refletir sobre as propostas pedagógicas, aquelas que privilegiarão a construção de significados, ao invés de trabalhar com os mecanismos de decodificação de letras. Assim, queremos salientar que o educador precisa conhecer e compreender seus educandos para reconhecer as suas hipóteses e a partir delas planejar as atividades que serão desenvolvidas em sala de aula.

O Segundo Domínio, para Ribeiro (2001, p.58) trata-se da busca à informação, ou seja, quando o educando já sabe que para obter certas informações precisa saber ler e escrever, por exemplo, quando a nossa educanda expressa seu desejo:

“Gostaria muito de aprender a ler revistas, aquela revista da menina da novela que raspou a cabeça, ai que vontade de saber ler, para ler tudo o que está escrito”. Outra senhora ainda complementa: O meu sonho é aprender mais, de repente você sai para uma viagem e não sabe ler. Já pensou como é que fica? Eu quero aprender mais!”

Mesmo que seja para resolver problemas práticos ou para se manter atualizado o alfabetizando que possua esse domínio do alfabetismo, mesmo não sabendo ler, reconhece as fontes em que pode acreditar, portanto deseja ler textos, que em seu julgamento são fidedignos. São pessoas que sabem como procurar um médico para o vizinho, como e porque buscar um advogado para resolver seus problemas, enfim são pessoas que já sabem onde estão as informações, precisam de elementos lingüísticos para se expressarem melhor, tanto oral como na escrita.

Em todos os momentos da sala de aula, o incentivo ao diálogo é uma ação pedagógica muito interessante, pois é o momento em que o educador oferece as condições de discussão e debates revelando onde podemos buscar elementos verdadeiros para a elaboração de um texto, para identificar os pontos de referências que as pessoas utilizam para solucionar seus problemas, mesmo que seja feito coletivamente na oralidade pelos educandos e o educador seja o escriba.

O Terceiro Domínio de alfabetismo ou letramento (Ribeiro,2001) incide no planejar e monitorar atividades de trabalho, organizando e controlando a sua rotina. Para isso já desenvolveram as habilidades de síntese e objetividade. Podemos encontrar pesso-

as que trabalham com movimentos sociais ou populares que organizam e planejam seus eventos e fazem agenda de compromissos. Encontramos muitas dessas pessoas militantes nos assentamentos rurais que estavam no nível alfabético (Ferrero,1983), ou então empregados domésticos ou operárias que utilizavam a escrita, mesmo no nível silábico-alfabético, para listas de compras, de materiais, orçamento familiar etc.

Sabemos que temos que partir desses conhecimentos prévios para desafiá-las, pois encontramos em algumas de suas falas que não mais precisavam da escola, pois já sabem ler e escrever o necessário, por isso, a necessidade de desafiá-las oferecendo as possibilidades de reflexão e avaliação sobre os seus próprios conhecimentos para saberem que precisam buscar mais informações, e para tanto, como declara Ribeiro (2001)

...buscar a própria aprendizagem exige um alto nível de controle de estratégias de leitura, pois o leitor precisa avaliar com precisão quais são suas lacunas de conhecimento num determinado estágio do processo e, além disso, identificar índices nos quais as informações relevantes podem ser encontradas, este é o quarto domínio.

Levando em conta os domínios de alfabetismo de Ribeiro, as hipóteses da construção da escrita de Ferreiro, e as implicações de ser um educador popular, buscamos trabalhar com os alfabetizados, inicialmente, como já enfatizamos, alguns temas e técnicas que nos deram, excelentes resultados.

As nossas reflexões são resultados de experimentação de vários anos de trabalho desenvolvido em projetos e programas de EJA onde tivemos sempre dois objetivos:

1. oferecer possibilidades de formação de educadores populares em EJA para alunos dos cursos de graduação e para

monitores dos assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema e dos povoados do nordeste;

2. oferecer condições de alfabetização para jovens e adultos trabalhadores do campo e trabalhadores da cidade.

Tendo como pressupostos esses dois objetivos ampliamos as nossas funções dentro de nossos programas com a pesquisa.

A procura que ainda temos para alfabetização e continuidade de escolaridade dentro da cidade é que as salas oferecidas pelo governo municipal e estadual de São Paulo utilizam a tele-sala para continuidade de estudos e os educandos não acreditam nessa metodologia, pois esses sentem falta da aula presencial com discussões e debates sobre temas que interessam ao grupo.

Com isso, fundamentamos nosso trabalho numa proposta pedagógica que valoriza o conhecimento que cada grupo possui e busca, através de temas conceituais, o conhecimento necessário para debates em sala de aula, estudos de textos, elaboração do texto coletivo, exercícios que demandam técnica de alfabetização que desafia o educando a pensar e refletir sobre a sua escrita. A escrita como um conjunto de habilidades e atitudes de leitor e escritor.

Vimos, portanto, a importância do educador na sala de aula que acredita no saber de seus educando e que reflete sobre a sua prática pedagógica fazendo e refazendo as suas ações a partir do contexto delimitado pelo grupo numa pesquisa didática.

Coloca o conhecimento do cotidiano escolar como ponto de partida para planejar ações que permitam transformá-lo. Recupera a história dos alunos como fator principal para entender suas representações. 'Reconhece que a prática e os saberes que podem ser observados no professor e aluno é resultado da apropriação que eles fazem da prática e dos saberes históricos-sociais'.(Cunha,1989:39)

A AVALIAÇÃO: UMA RELAÇÃO AMOROSA

Ao propor as primeiras atividades para que os educandos comecem a se sentirem mais seguros em sala de aula estamos também iniciando a avaliação, uma avaliação diagnóstica.

Avaliar é acompanhar todo o processo. Estamos falando de um avaliador que está disponível a olhar seu educando tal qual ele está, conhecer suas hipóteses de ser leitor e escritor.

Um avaliador atento aos detalhes da fala, das atitudes de seu educando. Avaliar com a disposição de acolher o outro no seu ser e no seu modo de ser, como o outro está para, a partir daí, decidir o que fazer. Não é um pré-julgamento, um ataque ou uma defesa, porque este sim é um ato de exclusão. Um avaliador que é construído a partir do momento em que decide acolher: ouvir e ver como um ato de inclusão, como um ato de amor.

Para compreender a avaliação é necessário um comprometimento com o ato pedagógico democrático. A democracia é necessária para que possamos ter as condições sociais justas, entender a possibilidade de acesso, permanência e igualdade nas condições de oportunidades escolares. É estar disponível para acolher a cada um numa relação amorosa, porque acredita na relação afetiva entre educandos e educadores, onde se aceite cada um, seja em qual for o nível de conhecimentos em que a pessoa se encontra é que teremos e proporcionaremos as condições de luta para uma qualidade de vida para todos.

Nessa postura evidenciamos a compreensão crítica da prática de Paulo Freire, onde a condição fundamental é que educador e educando esteja sempre lado a lado, constantemente aberto às críticas e ao mesmo tempo mantendo sempre viva a curiosidade e principalmente disposto retificar-se, em função dos próprios conceitos e das futuras práticas.

Para Freire(1982), o analfabetismo é uma condição à qual foi negado o direito de ler, onde se vive numa cultura cuja comunicação e memória são auditivas, dessa forma a palavra escrita não tem significação, ou então quando o analfabeto participa de uma cultura letrada, não teve a oportunidade de alfabetizar-se. É necessário que o alfabetizando problematize a sua própria condição de não saber ler para que supere a visão focalista da realidade na composição do todo. Problematizar o seu mundo, insiste o autor, é fazer uma análise de sua prática que os farão capazes de atuar cada vez mais seguramente no mundo.

Freire nos dá os preceitos necessários para que compreendamos as relações dos alfabetizando com o mundo e com os outros:

A – *que os freios a seus direitos de “dizer sua palavra” estão em relação direta com a não-apropriação por eles dos produtos de seu trabalho.*

B – que o fato de trabalhar lhe proporciona um certo conhecimento, não importa se são analfabetos.

C – *que, finalmente, entre os seres humanos não há absolutização da ignorância nem do saber. **Ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo.***

A questão da avaliação para o educador que compreende o educando porque sabe que quando se toma distanciamento da ação realizada ou a ação que está realizando-se, todos os envolvidos a examinam, deixando de terem uma ação de fiscalização para a de problematização. Daí, ser necessário que se convençam, ambos, educador e educando, humildemente, que têm muito que aprender.

O objetivo é assegurar o domínio da linguagem oral e escrita, assim, o aprendizado da leitura e da escrita só terá significado real quando não for através da repetição mecânica das sílabas, mas quando o educando perceber o profundo sentido da linguagem-pensamento e realidade, cuja transformação trará novas necessidades de expressão.

Queremos enfatizar que para problematizar situações é necessário que os textos a serem trabalhados sejam em si um desafio e como tal sejam tomados tanto pelo educador como pelos educandos para que dialogicamente, penetrem em sua compreensão. (Freire,1982,p.25)

Se problematizar nos leva à compreensão da realidade, a problematização inicia-se quando quebramos o silêncio através das perguntas.

Quando existe o silêncio, não existe a compreensão da realidade, por isso a importância de fazermos desafios que os levem às perguntas. Perguntas são dúvidas e elas existem a partir do momento em que percebemos que não sabemos, mas que temos o espaço do diálogo, o espaço da voz.

Freire (1985) declara que não há perguntas bobas e nem respostas definitivas. Um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta para ele possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre o é para quem a fez. O papel do educador é ajudar a refazer a pergunta, com o que o educando aprende, fazendo a melhor pergunta.

Faundez (1985) confirma e declara que é fundamental que o educador(a) valorize em toda a dimensão o que constitui a linguagem, ou as linguagens, que são linguagens de perguntas antes de serem linguagem de respostas. Porque a linguagem é gestual, corporal, de movimentos de olhos, de movimento de coração e não podemos negar, não ouvindo ou valorizando todas as linguagens, pois estaríamos eliminando grande parte da linguagem humana.

Para ambos, é fundamental que o ato de perguntar não seja um jogo intelectualista, mas que ao perguntar sobre um fato, o educador não dê explicações descritivas do fato, mas a relação dinâmica e forte entre palavra e ação, ou melhor, palavra-ação-reflexão, assim,

agir, falar, conhecer estariam juntas, e também que a curiosidade que leva a preocupação com um determinado tema se concretize em perguntas essenciais que são os fios condutores de todo trabalho.

Quanto mais o educando escuta seus educadores menos pensa, pois o falar, fazer perguntas, é um direito democrático, e sem a voz dos educandos se reproduz a sociedade autoritária e elitista, e isto constitui a negação da própria educação, do processo educativo.

Freire (1982), completa a nossa reflexão quando afirma que é fundamental que o educador-político e o político educador se tornem capazes de ir aprendendo a juntar, na análise do processo em que se acham, a sua competência científica e técnica, forjada ao longo de sua experiência intelectual, à sensibilidade do concreto.

Constatar as hipóteses que os educandos estão a partir das perguntas, das dúvidas, e daí, qualificar no processo de aquisição da língua escrita para efetivar a apropriação através das atividades planejadas e replanejadas, baseadas nas teorias criticamente pensadas, sabendo-se que o ato de qualificar não é neutro, é um ato político, porque depende de nossas teorias e convicções que avaliamos.

O educador apropriando-se do conhecimento do senso comum, desse conhecimento do não-poder que é o do não-saber, enriquece seu conhecimento para dar sentido a uma transformação da vida e da sociedade, dando união entre a teoria e a prática numa compreensão coerente e unitária do mundo, compreendendo o conhecimento do outro o educador estará reconhecendo no outro, aquele que é o não-Eu, o senso comum que vai transformar no conhecimento científico.

Nesta postura o conhecimento popular (senso comum) é valorizado como conhecimento do outro, que deverá levantar questionamentos-perguntas para o aprofundamento, na rigurosidade científica. É da realidade utilizando os conceitos que compreenderá a realidade para então transformá-la. Esta realidade do não-saber do não-poder, do não-EU, sendo transformada em saber, poder e Eu.

A avaliação então se dará em todo o processo, porque o educador conhecendo o outro e sabendo ouvir suas questões-perguntas estará buscando juntos os caminhos do conhecimento científico.

- Avalio em função de quê?
- Utilizo os instrumentos de avaliação para coerção, submissão ou para coletar dados sobre os níveis de desenvolvimento de meus educandos?

Função de transformar a visão de mundo ou de minha realidade para compreendê-la em sua concretude.

Estamos pensando no ato de avaliar – com instrumentos de coleta de dados- como uma ação que implica uma tomada de posição - transformar a realidade das hipóteses dos educandos - através de decisões em o que fazer - o próximo passo para que os educandos superem o não saber. A avaliação é uma ação que, ao mesmo tempo em que não se completou, se completará na próxima ação pedagógica (atividade).

Assim, a decisão do que fazer indica caminhos mais adequados e satisfatórios para uma ação que está em processo, uma ação que foi planejada dentro de uma teoria que dará o norte para a prática educativa. O planejamento de ensino é o que faz a mediação entre a teoria e a prática e sem ele não há avaliação escolar.

O ato de avaliar é um ato dialógico, não é impositivo e sim amoroso, acolhedor e construtivo. Desse modo a avaliação é uma ação auxiliar para que nossos objetivos de uma vida melhor, mais rica e mais plena tenham caminhos mais acertados e que possamos tornar as atividades escolares mais democráticas e os educandos e educadores mais construtores de sua própria cidadania, que atinjam o nível de emancipação.

O PLANEJAMENTO: PROJETO PEDAGÓGICO DIALÓGICO

Realizar o planejamento das atividades é o momento de reflexão e diálogo entre todos os participantes do ato pedagógico: equipe escolar – coordenadores, diretor, educadores, funcionários pais e estudantes.

Encontrar subsídios para o planejamento é pesquisar a comunidade a qual está inserida a sala de aula ou a escola. Portanto, não é só conhecer seus futuros estudantes, mas, compreender sua forma de vida e suas atitudes diante da realidade a qual estão inseridos.

Para tanto, temos que compreender a cultura dessas pessoas e isto é um desafio. Compreendemos cultura como,

...natureza transformada e significada pelo homem, deve ser produzida de modo a “garantir a um nível cada vez mais integral a realização do ser no mundo” Portanto, pensar a cultura importa conceber a sua ética. Brandão, 2002:37

BRANDÃO (2002) esclarece que a cultura e história não estão desvinculadas,

...como muitos autores funcionalistas de boa fé ou má consciência separam a cultura do processo da história ou então estabelecem entre as duas uma relação linear a cultura é histórica, no sentido de que a atividade humana que cria a história é aquela que faz a cultura.

Complementando essa idéia CHAUI (2006,p.131) declara que a partir do século XX a cultura é compreendida como:

O campo no qual uma comunidade institui as relações entre seus membros e com a natureza, conferindo-lhes sentido ao elabo-

rar símbolos e signos, práticas e valores, definir para si próprio possível e o impossível, a linha do tempo (passado, presente, futuro), as distinções no interior do espaço, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, o permitido e o proibido, a relação com o visível e o invisível.

Enfatiza, ainda, que comunidade é muito diferente de sociedade. Porque comunidade é percebida por seus membros como algo natural, porque possui o sentimento de uma unidade de destino. Enquanto sociedade significa isolamento, fragmentação onde indivíduos estão separados uns dos outros por seus próprios interesses e desejos.

Não podemos ainda deixar de esclarecer refletindo junto com CHAUI (2006,p.136) a lógica do mercado cultural que dá um valor (tornar mensurável) o produto final no momento em que as obras são expostas como espetáculo deixando de lado o processo de criação, e, para isso, é necessário tratar o objeto, dança, música, etc. como :

..trabalho da inteligência, da sensibilidade, da imaginação, da reflexão, da experiência e do debate, e como o trabalho no interior do tempo, é pensa-la como ' instituição social', portanto determinada pelas condições materiais de sua realização.

Nesta perspectiva a pedagogia para as escolas tem que ter como pressuposto as próprias pessoas que moram e trabalham numa determinada comunidade, levando em conta a sua cultura, o seu modo de viver. Não podemos simplesmente reproduzir um modelo escolar que reproduz os erros e as desigualdades sociais.

É imprescindível que o poder municipal e as populações locais se mobilizem para a construção de escolas ou salas de aulas para a população jovem e adulta, tanto no campo como na cidade. A escola é de extrema importância para permitir o acesso das populações ao ensino fundamental e ao ensino médio. O que não se pode permitir é que se instalem mais escolas que contribuem para o faleci-

mento da cultura camponesa, indígena, ribeirinha, quilombolas e ainda agravando o processo de exclusão de mulheres e homens.

Garantir o acesso à escola é criar a base para um outro padrão de desenvolvimento, mais sustentável em todos os sentidos, e podemos garantir esse acesso, compreendendo as relações da cultura para realizar um planejamento para uma determinada comunidade.

A pedagogia tem que ter como ponto de partida a própria prática das pessoas da comunidade, seus objetivos, métodos, conteúdos; acreditamos, na necessidade de ter como princípio a vida das pessoas, promovendo a autonomia para uma atividade solidária e sustentável. A educação deve fazer parte da existência desta população, portanto, deve ser criada e condicionada pela forma como elas vivem.

O planejamento criado para um lugar específico, com uma combinação social, política, cultural, territorial e econômica, singular, deve condicionar a pedagogia a essa singularidade. Os lugares educam mais que a escola e para que a educação formal seja um instrumento desta população para se desenvolver, a escola, deve se inserir à sua realidade.

A pedagogia de educar para a ajuda mútua, para a ação política, para valorização dos elementos culturais que brotam de sua existência particular, formação da identidade, para relações horizontais e, deve, sobretudo, ser gerida pela comunidade, assim como a própria escola.

Se o planejamento não se basear e vivenciar uma pedagogia autônoma ele se tornará desnecessário, e, isto, os jovens e adultos reconhecem e acaba não tendo compromisso com a construção de seu próprio saber.

Buscamos através do dialogo compreender quem são nossos estudantes para transformamos a sala de aula em um ambiente adequado e estimulador a re-elaboração e produção de conheci-

mentos contrapondo os ensinamentos autoritários, tradicionais, onde o conhecimento pronto e acabado não permite diálogo.

Precisamos tomar cuidado para que a educação não se torne um ato de depositar (educação bancária), mas que o educador numa relação horizontal se torne simultaneamente, educador e educando.

O Projeto Pedagógico se inicia quando nos permitimos dialogar com a comunidade para conhecê-la, o nosso plano de aula terá a proposta que os estudantes estão necessitando. Os conteúdos curriculares serão os conhecimentos sócio/culturais desenvolvidos pela humanidade por necessidades históricas.

O planejamento é uma forma de organizar, de prever o tempo, e pelo diálogo através da reflexão torna-lo coerente humano e sensato (FURTER, p. 19).

Furter (1966,p.14) nos alerta de que

...planificar implica, forçosamente, uma reflexão sistemática sobre as dimensões temporais: a partir dum passado que deve ser superado, dum presente a conformar à idéia que temos do futuro, dum futuro que nos parece mais ou menos previsível.

Assim, propomos um Projeto Pedagógico que leve em conta:

1. o diálogo;
2. a interdisciplinaridade;
3. a problematização;
4. o tema gerador

O Diálogo, enquanto momentos de com - partilhar experiências e de re - construção do cotidiano das histórias que se entrelaçam na constituição de um grupo que tem sua cultura criada em suas histórias. Concordamos com Freire (2005,p.95) quando explicita,

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia.

Quando FURTER (1966) destaca que a liberdade se manifesta por um diálogo firme e amplo entre os indivíduos e os grupos, e, o planejamento suscita e promove as condições indispensáveis à prática dessa liberdade, nos esclarece que não pode haver planejamento de ações pedagógicas sem a compreensão do outro, sem a sua inteligência que facilitará a realização das práticas e das reflexões pedagógicas.

Refletir é olhar a própria ação de uma maneira particular e à distância. Refletir é distinguir-me para melhor tornar-me sujeito do que faço. (p.28 e 29)

Lembramos de Paulo Freire quando nos alerta de que sem o diálogo não há comunicação, sem comunicação não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura a situação de busca do conhecimento, a qual educador-educandos refletem o seu ato de compreensão sobre o objeto, pois é o conhecimento que os mediatiza.

O educador-educandos valoriza e respeita as suas vivências, seus conhecimentos concretos relacionando-os ao assunto a ser estudado partindo de suas hipóteses discutindo e refletindo para compreender a realidade de forma rigorosa. Quando o educador ouve o seu educando, suas experiências de vida, poderá caminhar com eles, monitorando a fala, monitorando o discurso para que se chegue a uma compreensão crítica e científica da realidade, ao mesmo tempo em que os alunos aprendem uma linguagem mais formal e mais científica.

A interdisciplinaridade porque compreendemos o conhecimento como construção histórica, portanto cultural, e necessidade

humana de compreensão da realidade. Conhecimento necessário que mediatiza as relações do educando-educador.

A problematização como prática social que incentiva os educandos a levantar problemas, e a não aceitar a análise da realidade com um só ponto de vista, é questionar determinados fatos, situações, fenômenos e idéias partindo de determinadas alternativas que levem à compreensão do problema em si, de suas implicações e de caminhos para a solução. (LOPES, 1996).

Problematizar é estar caminhando junto com os alunos na busca de resolver problemas e resolver problemas é identificar, classificar, analisar, sintetizar e buscar soluções alternativas, é o educando e educador desenvolvendo habilidades de escritor, leitor e pesquisador, re-elaborando e produzindo conhecimentos.

Em Pedagogia do Oprimido, Freire destaca o educador problematizador que re-faz constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Assim, explica que em lugar dos educandos serem meros receptáculos serão investigadores críticos, em diálogo constante com o educador, que também é, um investigador crítico.(p.80)

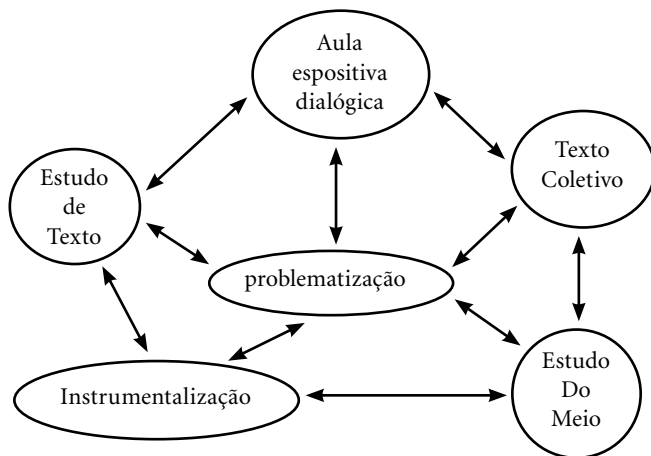
Para Freire (2005), o diálogo começa na busca do conteúdo programático, esta busca precisa ser no coletivo – educadores /educandos- quando os conteúdos programáticos deixam de ser uma doação e passa a ser uma “*devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada*”(p.97).

Acrescenta ainda que :

Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão, como a ação por eles provocada, contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas. (p.108)

Portanto, o educador é aquele que em primeira mão sabe ouvir seus educandos, resgata seu saber, organiza, sistematiza e lhe devolve como tema Gerador de novas discussões, diálogos, estudos e sintetiza com textos elaborados e re-elaborados.

O Tema Gerador é que desencadeará toda a metodologia e os conteúdos que serão desenvolvidos, para isso, propomos um diagrama que facilitará a execução do Projeto Pedagógico. Não nos esquecendo que os temas existem nos homens/educandos, e nas suas relações com o mundo, com sua cultura, portanto são fatos concretos.



1 - A aula expositiva é uma técnica tradicional que pode ser transformada num momento emancipatório com o diálogo; quando ouvimos os nossos educandos nos propomos a uma condição de “escuta”, e, para ouvi-los, eles tem que falar e para falar eles tem que se expor e se expondo conhecemos suas experiências sua sabedoria e principalmente suas dúvidas.

Prestemos atenção nas dúvidas, é pelas dúvidas que sabemos o que nosso educando não sabe. Um diálogo através da aula expositiva estimulando o pensamento crítico do aluno, ouvindo-o para reconhecer suas hipóteses, suas dúvidas e suas expectativas. A aula

expositiva dialógica (Lopes 1996), estabelece o intercâmbio entre os conhecimentos e experiências do educador e educando considerando esse diálogo como uma busca recíproca do saber.

Finalmente, não há diálogo verdadeiro senão há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrável solidariedade. (Freire, 2005:95)

Na aula dialógica o professor valoriza e respeita a vivência de seus educandos, de seus conhecimentos concretos relacionando-os ao assunto a ser estudado partindo das hipóteses discutindo e refletindo para compreender a realidade de forma rigorosa.

2- Problematizando a fala do educando estaremos permitindo que sua curiosidade o leve a percepção crítica da realidade. Portanto estaremos eliminando a passividade do aluno, a memorização e o verbalismo do professor e adotando uma prática pedagógica que busca os conhecimentos e conteúdos necessários para solucionar os problemas colocados pelo educador e pelo educando.

3- O estudo do texto é outra técnica de ensino que nos dá vantagens, pois envolve o aluno à medida que o educador sugere pontos de reflexão tornando a leitura do texto um ato dinâmico e produtivo onde o aluno aprende a ser um leitor que questiona, confronta, levanta hipóteses na busca de significados e compreende que o texto é um diálogo com o autor e que tem um ponto de vista, e que o próprio texto pode oferecer múltiplos sentidos.

AZAMBUJA e SOUZA (1996) explicitam a necessidade de um estudo analítico do texto, pois o texto é a materialização da mensagem, portanto se faz necessário oportunizar atividades de leitura individual ou coletiva, oral ou silenciosa. Para as autoras estudar um texto não é só perceber o que está explícito, mas descobrir o que se apresenta de modo mais sutil.

E, este não pode ser apresentado apenas como uma técnica com roteiros rígidos, mas cada texto poderá ter um tipo de abordagem; cada turma de aluno poderá determinar a abordagem do texto; finalmente, cada professor, de acordo com seu grau de sensibilidade e de criatividade criará condições diferentes para a abordagem do texto. (1996,p.57)

4- O estudo do meio é o espaço onde serão proporcionadas experiências vivas e vivenciadas como parte integrante do processo de ensino aprendizagem, portanto é organizada e elaborada, e essa organização é planejada coletivamente, dentro da sala de aula com os educandos.

O Estudo do meio é uma abordagem interdisciplinar e isto significa encontrar conteúdos para melhor compreender o homem interagindo com o mundo, que não é senão a relação do homem com e na sociedade e, isso se faz partindo de um pressuposto teórico. Com essa técnica estaremos superando a justaposição de conteúdos em detrimento do enfrentamento de problemas reais gerados a partir da problematização, organizando a visão conjunta desde o início da colocação do problema e durante o processo de construção de conhecimento.

Além disso, o estudo do meio é uma técnica pedagógica que se realiza por meio da pesquisa, isto é, utiliza-se instrumentos metodológicos diversos, registra e interpreta a realidade propondo alternativas, assim o ensino estará sendo planejado e avaliado em múltiplos aspectos pelos alunos e professores envolvidos e comprometidos com a transformação social.

5- Instrumentalização é a escolha do conteúdo que não é colocado como uma forma rígida, tradicional, mas um conteúdo escolhido por todos e o educador é aquele que sabe coordenar esse momento para a escolha acertada. Não estamos falando dos conte-

údos pré-elaborados, mas de conhecimentos universais no contexto histórico-social.

Contudo, chamamos a atenção para alertar que o professor é a autoridade da sala de aula, porque ele é o adulto, o mestre aquele que conhece os conhecimentos científicos, senão cairíamos na permissividade, no espontaneísmo, estamos falando na relação educador - educando, onde democraticamente a forma de apresentar o conteúdo se mostra dentro do contexto da aula dialógica compartilhada com os alunos sabendo-se que o professor domina a pesquisa, a busca por conteúdos que estão disponíveis no universo histórico social, não esquecendo que muitas vezes não são os saberes de bibliotecas que necessitamos, mas saberes acumulados na vida das pessoas.

Essa investigação do saber é um processo que é feito com o pensar de seus educandos, seja ele um pensamento ingênuo ou mágico, mas como relata FREIRE (2005,p.116), *será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir idéias, mas no de produzi-las e de transforma-las na ação e na comunicação.*

O fechamento de um tema problematizado é o nosso próximo elemento, pois apesar do educador utilizar em sua prática tradicional o resumo de sua aula, na aula dialógica o educador coordena a síntese do aprendizado compartilhado e pode ser através de um texto coletivo.

6- O texto coletivo construído no diálogo: temos várias técnicas para a elaboração coletiva do texto. Os educandos serão estimulados a compartilhar com o educador a re-elaboração dos conhecimentos e incentivados a produzir novos textos e novos conhecimentos a partir dos conteúdos apreendidos. Entretanto podemos começar as nossas aulas, de acordo com o tema, (que será explicado em cada capítulo) com um texto coletivo partindo do conhecimento já existente de nossa turma, ou então, fechar o tema gerador com um texto coletivo, ou seja, não importa em que momentos irão utilizar a elaboração do texto coletivamente, o importante é compreender

que compartilhar conhecimentos é uma das formas que temos para diagnosticar, avaliar e construir novos saberes.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, C. R. A EDUCAÇÃO COMO CULTURA, SP, Mercado das Letras. 2002.

CHAUÍ, M. CIDADANIA CULTURAL: O DIREITO À CULTURA, Editora Perseu Abramo. 2006.

FAUNDEZ, A E FREIRE P. A POR UMA PEDAGOGIA DA PERGUNTA, 5ª.ed. Paz e Terra. SP. 2005.

FERRERO, Emília, TEBEROSKY, Ana, A PSICOGÊNESE DA LINGUA ESCRITA, Artes Médicas, Rio Grande do Sul, 1984.

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: UM REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. e FAUNDEZ, A POR UMA PEDAGOGIA DA PERGUNTA, 5ª.ed. Paz e Terra. SP. 2005.

FURLANETTI, M.P.F.R. Formação do Alfabetizador de Jovens e Adultos: O Educador Popular. Tese de doutorado. Marília, UNESP. 2001.

FURTER, P. EDUCAÇÃO E REFLEXÃO, 14ª.ed. Vozes, Petrópolis, 1984.

LOPES, A.O. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. IN_____ TÉCNICAS DE ENSINO: PORQUE NÃO?. VEIGA, Ilma P.A. (org.) 4ª. Edição, Campinas, SP. Papirus, 1996.

PEREIRA, R.P.S. Relatório PIBIC/UNESP – Formação de Educadores de Jovens e Adultos. 2003.

RIBEIRO, Vera Mazagão (org) Por mais e melhores Leitores: Uma Introdução, in: LETRAMENTO NO BRASIL Ação Educativa, SP, 2004.

TEBEROSKY, Ana, ESCREVER PRA QUÊ? - II Congresso de Educação – Belo Horizonte, mimeografado. 1992

SOARES, M. Letramento e Escolarização, in: LETRAMENTO NO BRASIL, Ação Educativa, SP, 2004.

AZAMBUJA, J.Q. e SOUZA, M.L.R. O Estudo do Texto como Técnica de Ensino. In: ___TÉCNICAS DE ENSINO: POR QUE NÃO? VEIGA, Ilma P.A(org.) Campinas,SP: Papyrus,1996.

DIALOGANDO COM A PRÁTICA DA ALFABETIZAÇÃO

MEMÓRIAS

Partindo dos pressupostos levantados anteriormente, iniciamos a aula de alfabetização na recuperação da identidade de cada pessoa dentro da sala de aula. O educador inicia a aula mostrando o seu comprometimento com os alunos, o porquê está ali naquele momento e como chegou até uma sala de aula. Isto é, o educador se apresenta contando a sua própria história buscando em sua trajetória de vida a sua origem, os seus desejos e sonhos já realizados e os que estão para se realizar.

Ter compromisso é ter consciência politizada como processo biográfico, histórico e coletivo.
(FURLANETTI,2001)

Após a sua explanação, o educador convida seus educandos a contar as suas próprias histórias; através da história de seus próprios nomes, é iniciado o diálogo coletivo. Verificamos que esse é o momento essencial para que o educador e educandos se envolvam num diálogo de confiança, onde escutar nesse sentido é disponibilizar a abertura para o outro, e, ao escutar, não discrimina por se sentir mais, ou melhor do que o outro, e o educando aprende a falar e o educador aprende a ouvir e quem ouve, ouve as dúvidas do outro, tornando o contar da história um diálogo que muitas vezes deve ser monitorado pelo educador. (Furlanetti, 2001)

O educador popular é aquele que tem lealdade e comunga com os anseios e desejo de libertação e

se coloca a serviço das classes populares, e, para isso aprende a ouvir para sentir e comungar.

FREIRE,2000

Esse é um momento precioso, o educador deve estar atento ao diálogo que emerge na sala de aula; ele, enquanto o que sabe escrever, deve registrar cada história de seus alunos para depois de preparar por escrito e preferencialmente digitado, entregar a cada um a sua história registrada no papel, como um presente. Dessa forma estamos viabilizando a história de cada um dentro da função social da escrita que é a função mnemônica, porque está escrito, é o registro que a memória pode esquecer, é o documento primeiro de seu aluno.

Não podemos esquecer que uma autobiografia é um texto em que narramos os momentos mais importantes da HISTÓRIA DE NOSSA VIDA. O lugar onde nascemos, nome de nossos pais ou quem nos criou e educou, coisas que aprendemos, lugares por onde passamos, coisas que gostamos de fazer, de comer, de passear. Também, situações difíceis pelas quais passamos e temos vivido, o que aprendemos com isso, nossos êxitos e fracassos, interesses e o que esperamos para o futuro, nossas esperanças e sonhos. Enfim, tudo o que desejamos que outras pessoas saibam sobre a nossa vida.

Para SILVA (2000) o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica, e que há duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural de uma comunidade que busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhada, e, que poderiam ser representada em forma cultural, que reforça e reafirma a identidade; Como afirma o autor a indústria da “herança” parece apresentar apenas uma única versão; entretanto, precisamos pensar sobre a questão de qual história falamos ? A apresentada pela mídia, pelos livros didáticos, a história oficial? Pode haver diferentes histórias, pois existem diferentes versões do passado.

Para nós alfabetizadores/educadores é muito importante reconhecer esta identidade cultural para que possamos interpretar ou reconhecer a diversidade das identidades da sala de aula e como esse conhecimento poderá favorecer o planejamento das próximas atividades com o cuidado que se deve ter pelas necessidades históricas e culturais do grupo com o qual iremos trabalhar.

MEU NOME

O nome é a maior história conhecida de cada pessoa, é o nome que nos dá identidade, porque sabemos quem somos e porque somos. Pelo nome nos chamam, nos indicam e se faz cidadania. Começar pelo nome é começar pelo maior texto que conhecemos, o texto da história de nossa vida. Por isso, iniciamos a alfabetização pelo nome de cada pessoa da sala de aula. Preparamos para os nossos alunos seus nomes para serem reconhecidos na primeira aula.

Cada educando terá que pegar o seu nome que estará sobre a mesa do educador; estaremos iniciando o diagnóstico para uma avaliação sobre o que cada um já sabe sobre a escrita; e o educador deverá estar atento para não deixar frustrado aquele que pouco sabe; para tanto o educador deverá ter a sensibilidade de colaborar com cada dificuldade que aparecer com perguntas e respostas monitoradas.

Lembrando que perguntas e respostas monitoradas fazem parte de um jogo interacional para a construção do discurso interno. Para tanto é necessário o diálogo monitorado, em que as palavras são feixes de relações que trazem significados e sentidos. O sentido é o fio narrativo que é compartilhado, portanto deve ser entendido por todos.

Dialogando através de perguntas significativas, daremos a oportunidade para que o educando vá construindo a narrativa até

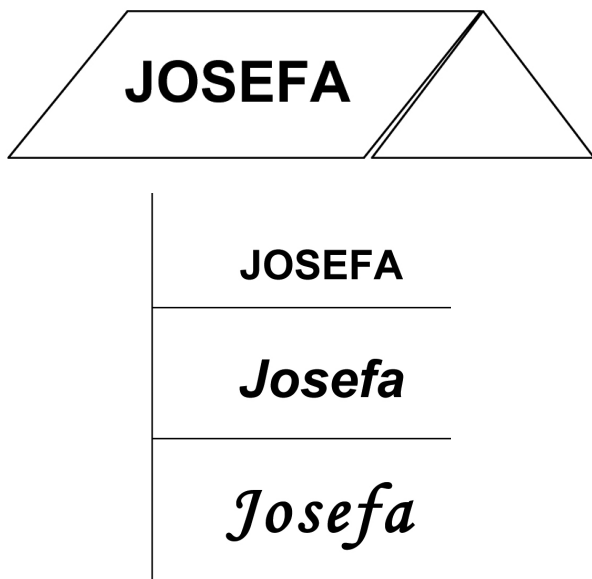
que tenha a confiança em si e nos outros, para que construa uma narrativa autônoma.

A necessidade da narrativa oral autônoma é porque para escrever é preciso se distanciar do fato entrando no papel do narrador e assim contar o fato ou a história. Essa prática torna o educando capaz de construir elementos lingüísticos para se tornar escritor.

Atividades

O crachá

Prepara-se o crachá para a mesa - com letras em caixa alta, manuscrita e de imprensa, para que os seus educandos possam ter seu nome escrito e trabalhar com seus nomes e de seus colegas na sala de aula.



O crachá para o peito é providenciado pelo educador com o nome de cada educando, ele o apresenta a cada um e coloca em cima de sua mesa e convida-os a buscar cada um o seu:

JOSEFA

Nessa atividade em que o educando procura o seu nome estaremos avaliando os seus processos de ser leitor, caso ele sinta dificuldade, o educador fará perguntas do tipo:

- Você sabe como com que letra começa o seu nome?
- Temos aqui algum nome com a mesma letra do seu nome?
- Temos algum colega com a mesma letra do seu nome?

Assim, monitoramos a sua busca pelo seu nome, ao mesmo tempo diagnosticando o quanto ele já sabe sobre a linguagem escrita. Precisamos ter a informação sobre o que ele já conhece:

- com quais letras se escreve o seu nome;
- quantas letras serão necessárias para a escrita de seu nome;
- qual o lugar dessas letras para compor o seu nome.

Com essas informações poderemos propor uma nova atividade com o próprio crachá quadriculado.

2 -Trabalhando com o crachá quadriculado

Com o crachá quadriculado faremos uma atividade em grupo, com no máximo quatro educandos.

Cada um terá em mãos o seu crachá com o seu nome.

1 - Coletivamente decidirão qual letra que se repete em seus nomes.

J	O	S	E	F	A
---	---	---	---	---	---

- O Objetivo é que o educando compreenda quais são as letras que compõem seu nome, isto é, estaremos trabalhando com a ruptura da hipótese de quantas, quais, em que lugares estão às letras para se escrever um nome, assim trabalhamos com o nome de cada pessoa da sala.

3 - Reconhecendo os nomes - dando nomes às letras

1. qual letra é comum aos três nomes?
2. quantas vezes ela aparece em cada nome?
3. qual nome tem maior número de letra "A" ?
4. Temos outras letras comuns em seus nomes, mas que não se repetem nos quatro? Quais letras, e em quais nomes?

Na lousa, o educador registrará os nomes de cada grupo, os educandos irão dizendo grupo por grupo, e, ao lado do grupo de nomes, as letras que cada um tem em comum.

Não precisamos pedir aos educandos que memorizem o alfabeto, mas estaremos apresentando-o de uma forma simples; a memorização aparecerá com o tempo, pois outras atividades, durante o processo, estarão presentes para que isso aconteça.

Aproveitando o crachá quadriculado para uma segunda atividade, pedimos ao educando que contem quantas letras tem em cada nome das pessoas do seu grupo e coloque os crachás dos nomes em ordem crescente e, novamente, o educador será o escriba da classe, escrevendo os nomes de seus alunos em ordem crescente,

conforme os grupos irão falando, e na mesa de cada educando estará o seu nome e de seus amigos também em ordem crescente.

4 - Dando ordem aos nomes

Providenciar um cartaz de chamada para o primeiro mês de aula é dar oportunidade aos educandos exercitarem a leitura de seu nome, assim como construir as relações com seus colegas. Um cartaz confeccionado com cartolina, afixado na sala de aula dará essa oportunidade. O educador deixa em sua mesa uma caixa com os nomes de seus educandos para que o coloque no cartaz, o último que chegar verá quem e quantos faltaram e quem, quantos estão presentes, fazendo essas anotações na lousa. Os nomes dos educandos estarão em fichas de cartolina, o que ficará mais fácil de manusear e pegar cada um seu nome para colocar no cartaz.

5 - Memorizando a escrita dos nomes

Chega o momento da memorização dos nomes para isso faremos vários exercícios:

1 - Em grupo de quatro pessoas os educandos irão recortar cada um o seu nome, utilizando o crachá quadriculado transformando os seus próprios nomes em quebra-cabeça, depois cada um cola o seu nome numa folha de sulfite branca A4.

2 - Poderemos propor que desenhem uma figura que simbolize a si mesmo.

3 - Em seguida o educador preparará o alfabeto para fixar na sala de aula:

A B C D E F G H

4 - Os alunos já sabem para que serve uma lista de nomes, agora poderão aprender a colocar os seus nomes em ordem alfabética.

5 - O educador fará junto com o grupo um outro cartaz com a lista dos nomes dos educandos em ordem alfabética, proporcionando uma situação de trabalhar com o alfabeto sem que seja necessário ficar decorando, porque o importante no momento é conhecer a ordem alfabética e para que serve.

- O objetivo dessa atividade é que o educando compreenda e reflita sobre a importância de um texto do tipo LISTA;
- aprenda a importância da ordem alfabética utilizando-a em sua escrita em sua função social;

Ordem alfabética - ordem universal para que encontremos nomes em seus mais variados portadores de textos de lista: de endereços, dicionário, listas de presença, lista de compras.

Com esse procedimento estaremos entrando em um novo tipo de texto “listas”, com outros tipos de portadores de texto, ao mesmo tempo em que o educando está novamente escrevendo seu nome e de seus colegas. Com isso, mostramos que refletir sobre o que se está escrevendo, o porquê e para quê, é realmente muito importante, mas temos que memorizar as palavras e elas dessa forma estarão sendo apropriadas pelos educandos, sem que seja necessário escrever o seu próprio nome dez ou mais vezes em seus cadernos.

Levando para a sala de aula os portadores de textos com Listas, – lista telefônica, agenda de endereços e dicionários - procuramos mostrar que para cada uso da escrita utilizamos um certo de tipo de papel e instrumento e como se utiliza cada material.

6- Agenda de endereços

Agenda de endereços com os números de telefones dos colegas, dos amigos, vizinhos e da família é uma atividade para desenvolver a leitura e a escrita em sua função mnemônica e com a função de tempo e distância, pois o que escrevemos, além de ficar registrado, não se perde no tempo e nem na distância. “O que eu registro não preciso memorizar, porque sei onde estará na hora que precisar”

Pegar folhas de papel almaço pautado e transformá-las numa caderneta de endereços, cuja capa será confeccionada por cada um com um desenho, com fotos, gravuras ou com recorte e colagem, assim estaremos trabalhando com um tipo de material e uma técnica que mais agrada aos educandos e de acordo com o material da sala de aula e com as possibilidades de cada um.

Deixa-se uma página para cada letra do alfabeto para colocar os nomes que precisam ser anotados e o endereço completo, ou apenas o telefone da outra pessoa.

- discutir com os educandos as possibilidades de uso da língua escrita, a importância de registros ;
- consolidar a aprendizagem dos nomes;
- conhecer melhor o colega de classe, pois para obtermos os endereços e telefones de cada um, temos que permitir que a classe se aproprie do diálogo.
- abrir ao diálogo: ouvi-los neste momento para que reconheçamos qual o desejo e necessidade mais imediata.

7 - A força

As regras são discutidas com o grupo e o educador é que poderá iniciar o jogo e depois pedir para, quem quiser, escrever um nome de um colega da classe. Inicialmente trabalhamos com os nomes dos educandos para depois introduzir outras palavras ou mesmo outros nomes próprios.

8 - Bingo dos nomes

O educador pede aos seus educandos que peguem uma folha de sulfite tamanho ofício e dobrem, marcando bem a dobra, em três vezes, assim teremos uma folha marcada para oito nomes.

Pode-se, tanto colocar o nome aleatoriamente das pessoas da turma ou então pedir para que, espontaneamente, oito pessoas escrevam o nome na lousa. Depois cada um escreve, aleatoriamente, na ordem que quiserem os nomes nos retângulos da folha dobrada. Cada um terá uma folha com os oito nomes, que foram copiados da lousa, em sua folha. A educadora escreverá os nomes, recortará e começará o bingo, sorteando uma a uma e riscando da lousa os que já forem lidos.

Outras formas de BINGO DOS NOMES poderão ser elaboradas pelo educador (a) ou pela turma, essa é apenas uma delas.

10 - O acróstico

Inicialmente o ideal é a educadora começar com seu próprio nome e depois pedir para quem quer participar emprestando seu nome e no coletivo o acróstico será formado.

11 - Novas palavras

Continuando em nossa criatividade, usamos também outra forma de brincar com os nomes, como por exemplo descobrir novas palavras com o nosso próprio nome, utilizando os Alfabeto Móvel.

Utilizando o alfabeto móvel e utilizando variedades de portadores de texto

Em cada jogo ou brincadeira, pedimos aos educandos que reescrevam as palavras com o alfabeto móvel e depois no caderno.

Poderemos entrar com outros tipos de texto que contenham nomes, temos músicas e poemas que abrangem esse tema. De acordo com a região em que estamos, podemos utilizar músicas já conhecida do repertório da classe.

Para apresentar esse ou qualquer outro texto, sempre sugerimos aos educadores que apresentem o texto em folha digitada, uma para cada um, para que possam estar acompanhando junto com o educador que também terá um afixado na sala de aula, por exemplo:

Texto de Vanda A. Garcia

ADRIANA

ANA

JOANA

SEBASTIANA

NETAS DO SAPATEIRO

PRIMA DO SACRISTÃO

SOBRINHAS DA MARICOTA

E TODAS IRMÃS DE JOÃO

Atividade

1- Dialogando com o texto:

1. Que tipo de texto é esse? uma carta? uma história, um romance? Uma música, um poema?
2. Por que podemos identificá-lo?
3. do que será que se trata?

4. tem alguma palavra conhecida.? Ou alguma desconhecida?
5. Fazemos a leitura em voz alta, e depois pedimos para que leiam juntos.
6. discutimos a interpretação do texto.

Com esse poema sugerimos tais perguntas:

- Quantas pessoas estão representadas pelo nome?
- Reescreva os nomes em seu caderno;
- Você observou alguma semelhança nos nomes? Quais são elas?
- Tem alguém na turma com nomes semelhantes a esses
- podemos fazer um outro poema com os nomes de nossos colegas?

A música Maria, Maria - de Milton Nascimento e Fernando Brant, música bonita para ser ouvida, cantada e discutida.

Vamos à letra da música:

Maria, Maria!

È um dom, uma certa magia

Uma força que nos alerta

*Uma mulher que merece viver
e amar; Como outra qualquer
do planeta!*

Mas é preciso ter força

É preciso ter raça

È preciso ter gana sempre

*Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria!
Mistura a dor e a alegria*

Maria, Maria!

È o som, é a cor, é o suor!

È a dose mais forte e lenta

*De uma gente que ri quando
deve chorar; E não vive apenas
agüenta!*

Mas é preciso ter manha

É preciso ter graça

È preciso ter sonho sempre

*Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida.*

Com essa música costumamos ouvir, sentir e refletir. Através do diálogo os educandos expressam suas opiniões e seus sentimentos. O diálogo aparece de acordo com cada grupo, com cada vivência. Precisamos estar prontos para discutir e dialogar sobre a mulher, sua posição na família, sua posição no trabalho. Preparamo-nos para a discussão sobre gênero! Esses momentos são tão preciosos na sala da aula, porque a música nos remete a momentos da vida que podem ir para vários caminhos. Temos que estar atentos aos nossos objetivos pedagógicos e políticos.

Dialogando com o texto

Podemos iniciar a discussão com inúmeras perguntas, como:

1. Por que o autor usa somente o nome de MARIA?
2. Por que o autor usa o nome MARIA para representar todas as mulheres?

Cada verso dessa música nos dá condições de trazer para dentro da sala de aula as condições das Marias que conhecemos.

Atividade

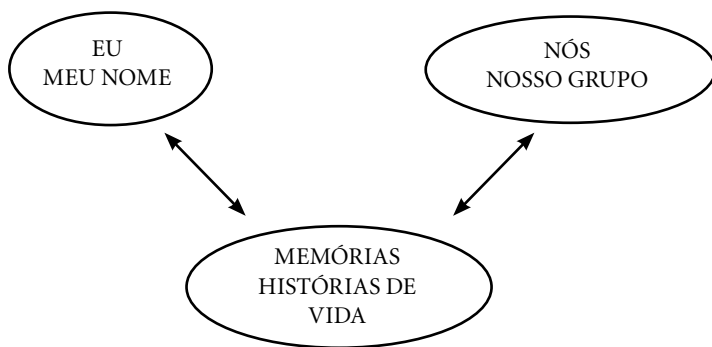
Buscar o Artigo 5º., Inciso I da Constituição Federativa do Brasil que estabelece: “ *Todos são iguais perante a lei,...- homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações,...*” Explicamos o que é a Constituição, quando e porque ela é modificada, e qual a última vez que isso aconteceu. O código Civil que regulamenta esta igualdade de condições jurídicas entre os homens e mulheres.

A partir desse momento voltamos com a escrita das histórias de vida, agora os educandos partindo do texto de sua história que o educador digitou ou reescreveu, (não esqueça caso sua turma não

escreva ainda você é o escritor de cada um), entrega a cada um como um presente e juntos lêem a HISTÓRIA.

Caso os educandos se sintam seguros poderão reescrever suas MEMÓRIAS (história de vidas), porque agora poderão completar.

MAPA CONCEITUAL: MEMÓRIAS



Referências bibliográficas

FURLANETTI, M.P.F.R. A Formação do Alfabetizador de Jovens e Adultos: O Educador Popular. Tese de Doutorado, Marília, UNESP. 2001.

SILVA, T.T.(org.) Identidade e Diferença. São Paulo, Editora Vozes. 2ª.Edição, 2000.

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO: CARTAS PEDAGÓGICAS E OUTROS ESCRITOS, Editora UNESP.2000.

LENDO E ESCRREVENDO O COTIDIANO NA PARTILHA DAS EXPERIÊNCIAS

CONSUMIDORES CONSCIENTES - CIDADÃOS REPONSÁVEIS

O nosso pressuposto teórico é que estamos lidando com um ser social que vive a cotidianidade, assim podemos em sala de aula junto com os educandos reconhecer que as práticas utilizadas em sala de aula e os saberes do educador e do educando são resultados de conhecimentos construídos no cotidiano. Temos como ponto de partida o conhecimento do educando para planejar as ações pedagógicas, não perdendo de vista os objetivos e conteúdos necessários para que o aluno desenvolva sua capacidade de alcançar a autonomia através do diálogo com a realidade.

Como estamos partindo dos conhecimentos que o aluno já tem sobre determinados fenômenos ou coisas e suas necessidades imediatas, estamos propondo que, através do diálogo, possamos desenvolver nossas ações didáticas tendo como objetivo o homem, ontológico, como ser social que é, portanto, um ser crítico.

Em nossas experiências com sala de aula de alfabetização de jovens e adultos, observamos que, iniciando com o resgate da história de vida, atendemos a suas necessidades imediatas, pois aprenderam seus nomes e de seus colegas, de seus familiares, puderam construir agendas, portanto a construção da escrita de forma significativa, e o desenvolvimento crítico proporcionou uma mudança de visão de mundo, um outro olhar para a realidade e a mudança de atitudes em seu cotidiano.

Sabemos que, para planejar, o educador ainda sente a necessidade de ter em mãos seu planejamento anual, onde já determinou de antemão os conteúdos a serem ensinados; entretanto a nossa proposta não foge do planejamento, mas indica que podemos

mudá-lo de acordo com os conhecimentos que os educandos e a vivência vão sendo compartilhadas em seu cotidiano.

Em nossas discussões apareceram os problemas sobre as compras e os pagamentos em prestações, portanto os juros, as porcentagens e o orçamento familiar. Assim, demos continuidade ao trabalho utilizando os objetos de sua casa, as embalagens e os rótulos dos produtos que utilizam em suas casas. Portanto, trouxemos novamente para a escrita as listas.

Listas

Muitos educadores não utilizam o texto lista por não acreditarem que seja um texto. Entretanto todos nós utilizamos esse tipo de texto: lista telefônica, lista de nomes de convidados; lista de compras, principalmente, e muitas outras que aparecem em nosso cotidiano.

O educador já apresentou a lista de nomes dos alunos em ordem alfabética, portanto, já demonstrou a necessidade de organizar os nomes de seus educandos. A lista de material escolar, lápis, caneta, borracha, que cada educando leva para a sala de aula, poderá ser desenvolvida, utilizando o alfabeto móvel, aproveitando para colocar em ordem alfabética. Nesse momento aproveitamos para trabalhar novamente com o alfabeto móvel, assim cada educando terá a oportunidade de refletir sobre a escrita. O educador poderá escrever na lousa a lista de materiais escolares da turma toda, que deverá ser passada para um papel de metro e colocado na sala de aula.

Pedimos também, que cada educando faça uma lista de móveis que tem em sua casa, em parceria seria o ideal, pois estariam discutindo como se escreve e os que cada um possui em sua casa, assim os educandos estariam num diálogo informal que sempre acaba prenunciando uma discussão de compras e de consumo.

O educador aproveita para dialogar com seus educandos sobre o que é o consumo, a mídia e as necessidades que cada um tem em obter certas coisas como sonho de consumo. Podemos, nesse momento, introduzir um texto sobre consumo e levar para a sala de aula os direitos do consumidor. Esse é um tema que desafia e acontecem muitas discussões. O educador deverá aproveitar para deixar com cada educando um texto onde procurará encontrar as palavras que já conhecem e ler junto com eles, (técnicas que já discutimos nos capítulos anteriores) enfatizando no diálogo como podemos cometer equívocos na hora das compras.

O consumo é a escolha de uma compra, aquisição do que se precisa, deseja e necessita. Na hora da compra o desejo e a necessidade se completam, é necessário que se discuta o que é indispensável e o que não é básico e que poderá ser dispensável. Portanto, um diálogo sobre uma lista de compras se faz necessário para que se aprenda a selecionar a compra seja de bens ou de serviços para que não se acumule bens inúteis, coisas que jamais usará. O consumidor consciente é aquele que planeja seus gastos, faz pesquisa, não aceita qualquer produto, exige qualidade, e o mais importante saber como e quando defender seus direitos.

Para consulta sugerimos:

LEI Nº 8.078, DE 11 DE SETEMBRO DE 1990 *dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências.*

Educação do consumidor – FINDES/SESI – reeditada em novembro de 1997

Atividades

1- O que consumimos

Após essa discussão, podemos propor a seguinte atividade que poderá ser feita em grupos de quatro ou cinco pessoas. Pedimos para que agrupem seus rótulos e embalagens de acordo com o critério estabelecido por cada grupo.

Nessa atividade verificamos que muitas vezes agrupam os rótulos pela marca e não pelo produto, é necessário discutir sobre essas diferenças. Com isso trabalhamos cada rótulo para identificar qual produto estamos comprando e quais são as regras do fabricante: modo de usar, de guardar, data de fabricação e de validade.

Podemos utilizar o outro capítulo do CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR que trata deste assunto. **CAPÍTULO IV - Da Qualidade de Produtos e Serviços, da Prevenção e da Reparação dos Danos - Seção I - Da Proteção à Saúde e Segurança.**

A seguir, o educador passa para a lousa a solução de cada grupo, para chegar a uma única classificação. Geralmente, a situação que vem a seguir é a formação de uma tabela com os rótulos e embalagens e podemos propor a seguinte classificação:

Tabela de produtos consumidos pelos educandos

Alimentos Não perecíveis	Alimentos Perecíveis	Material de limpeza Da casa	Material de higiene Pessoal
Macarrão	Batata	Sabão em pedra	Sabonete
Arroz	Carne	Sabão em pó	Creme dental
Feijão	Alface	Detergente	Champu
Farinha	Tomate	Água sanitária	Condicionador para cabelos
Sal	Ovos	Bactericida	Escova de dentes

Vimos, portanto, que cada palavra do rótulo e de cada embalagem é trabalhada várias vezes, pois o educando escreve tendo como modelo o próprio rótulo e/ou embalagem organizando as palavras segundo um novo critério, (classificação) gerando uma tabela que deve ser esgotada a cada questão que poderá surgir nas discussões:

- Os direitos do consumidor
- Conhecer a embalagem ou o rótulo em seus detalhes

- Refletir sobre a escrita
- Utilizar o alfabeto móvel (caso seja necessário)
- verificar a qualidade das embalagens;
- o prazo de validade do produto;
- o peso;
- o preço;
- a barra ótica – porque e pra que serve ao consumidor;
- composição do produto;
- valor energético;
- nome do produtor;
- químico responsável;
- de onde vem o produto;
- onde é fabricado e embalado;

2- Problematizando a situação cotidiana

Problematizar é questionar uma dada situação e buscar dados referentes a ela que nos permitam uma investigação que utiliza a coordenação de experiências prévias, intuição, atitudes e concepções para a elaboração do problema com o objetivo de se chegar a soluções. A resolução de problemas são atividades que envolvem processos complexos de pensamento que desafiam a todos(as) a participarem de sua formulação sabendo que poderão ser encontradas diversas soluções e não apenas uma.

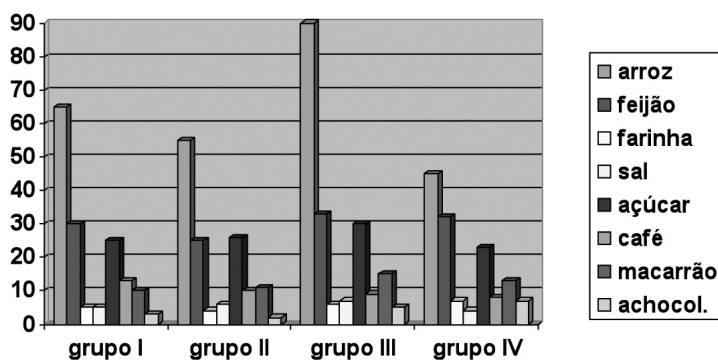
A capacidade de pensar a matemática é construída através de uma prática reflexiva de generalizar e argumentar, e isto requer tempo: tempo para pensar, para resolver, para propor alternativas, para levantar hipóteses, para formular e discutir. (Palhares, 2005)

Partindo da tabela de produtos consumidos pelos educandos, podemos verificar quais os produtos mais utilizados pelo grupo da sala de aula e construir uma tabela onde cada grupo seleciona o produto e coloca quanto, em medidas, em nosso caso quilograma Kg, é utilizado por mês.

Para se chegar a essa tabela os educandos tiveram que fazer contas, e, nesse momento, o educador deverá estar com seus educando trabalhando as quatro operações.

Montar um gráfico onde os educandos poderão realizar uma análise mais detalhada do consumo, em nosso caso, da turma da sala de aula por grupos.

Gráfico de consumo por grupo de peso (kg) por produtos:



Com esses dados estamos problematizando uma situação do cotidiano, o objetivo é mobilizar o conhecimento que possuem para serem aplicados em novas situações, constituindo numa idéia válida na organização do pensamento individual e coletivo, na busca de novos caminhos possíveis de resolução e exploração de situações. Utilizando tabelas e gráficos, estamos desenvolvendo um conhecimento científico: a estatística como método quantitativo que utiliza a linguagem dos números, que é um ramo da matemática aplicada, como já estudamos no capítulo anterior.

Analisar coletivamente o gráfico interpretando-o para uma reflexão com as questões que poderão surgir:

- a quantidade de consumo de cada produto;
- a cesta básica;
- sua importância na alimentação correta;

Com a discussão coletiva podemos buscar alternativas, tanto podemos dar continuidade na matemática com novas elaborações e resoluções de problemas, como podemos discutir a publicidade, através do texto publicitário de cada embalagem ou rótulo, como também podemos iniciar um novo tema sobre a alimentação. Colocaremos sub-temas a seguir para que possa acompanhar o desenvolvimento de nosso trabalho que tem como princípio a interdisciplinaridade, mas de acordo com as necessidades de nossos educandos.

Propomos a seguir o levantamento dos preços dos produtos mais consumidos por cada grupo, como já fizemos uma tabela e um gráfico sobre eles, agora é re-utilizar a tabela de consumo colocando os valores em reais, ou a moeda corrente, de cada produto, por exemplo:

Produto	Kg	Valor unitário por Kg em R\$	Valor total Por Kg em R\$
Arroz	65	1,50	97,50
Feijão	30	1,20	36,00
Farinha	05	0,75	3,75
Sal	05	0,80	4,00
Açúcar	25	1,10	27,50
Café	13	2,55	33,15
Macarrão	10	1,30	13,00
Achocolatado	03	4,25	12,65
TOTAL GERAL			220,05

Podemos fazer uma leitura por grupo, quanto cada um gasta em sua cesta básica de alimentos não perecíveis e colocar novamente os dados em um gráfico, e agora mostrando quanto a turma toda gasta e consome para ter a cesta básica.

Quando terminamos essa etapa surge o problema. A partir desse trabalho sugerimos que se faça uma tabela com todos os gastos familiares, tendo como base a cesta básica, analisando o que falta na cesta que se consome, mas que se tem que comprar todos os dias e por semana. Precisamos incluir os gastos de transportes, aluguel ou prestação da casa, água, luz, telefone, que são gastos básicos para o funcionamento de uma casa, surge assim, tabela de orçamento familiar.

Débitos	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	TOTAL
Aluguel					
Água/Esgoto					
Energia					
Transporte					
Prestação					
Mercado					
Padaria					
Feira					
TOTAL					

Partindo da tabela individual, podemos sugerir um gráfico das despesas de cada grupo, fazendo uma análise dos gastos dos aumentos das mercadorias que se consomem rotineiramente, e buscar em jornais as notícias sobre essas mesmas despesas que são anunciadas com os índices de porcentagens a cada mês, semestre etc.

Elaborar o enunciado a partir dos dados para resolver o problema é trabalhar para o desenvolvimento cognitivo de cada pessoa do nosso grupo.

Dessa forma, muitos outros problemas do dia a dia aparecem, e, em algumas turmas, pudemos levantar problemas sobre o trabalho informal, principalmente de mulheres, que têm outros tipos de rendimentos, como, por exemplo, fazer pão, empadas, bolos para vender de porta em porta. Uma senhora levantou esse questionamento e todos resolveram compartilhar o problema das despesas com o preço que ela vendia o pão e desse tema partiu-se para a discussão de montagem de uma padaria. A discussão chegou em abertura de firma por alguém que tinha o recurso para poder montar até uma padaria comunitária que com o recurso de um grupo e a divisão de trabalho poderia ser benéfico para todos.

Muitos itens foram discutidos, estudados e pesquisados dentro de um planejamento que se iniciou com a problematização de uma lista de compras e passou por todas as etapas já especificadas na primeira parte deste capítulo.

Resolver problemas não é uma especificidade da matemática, mas que traz para a discussão da sala de aula muitos outros temas onde muitas vezes temos que buscar textos de filosofia, sociologia e outras áreas do conhecimento científico.

Rótulos e embalagens

Enquanto estamos discutindo os rótulos e as embalagens, surgem dúvidas quanto ao tipo de produto e marcas. Assim, nas discussões da sala de aula, introduzimos o estudo dos rótulos e das embalagens:

Dependendo do interesse da turma, damos continuidade em história, geografia e ciências. Geografia quando buscamos no

mapa a origem da fabricação ou do produto “in natura”, diversos alimentos são originários de outros continentes, então buscamos na história, através de pesquisa, a origem do alimento, quer seja trazida pelos colonizadores quer seja nativa do Brasil. Em ciências, pesquisamos os alimentos e suas funções e discutimos com a turma os hábitos alimentares e sua higienização e chegamos ao corpo humano e todos os aparelhos que trabalham para a nossa saúde.

Estamos, portanto, utilizando textos informativos científicos para buscar informações que darão mais qualidade ao nosso cotidiano.

Trabalhamos também textos publicitários introduzindo novos portadores de texto num diálogo sobre o poder da propaganda. Então, buscamos as propagandas dos rótulos que aparecem nas revistas, jornais, outdoor, panfletos, cartazes, suas diferenças e semelhanças estudando o uso e o poder da palavra. Estamos mostrando o uso da língua escrita na sua função social e desafiando nossos educandos a compreenderem as diferenças do uso da escrita, seus portadores, e para cada objetivo temos diferentes tipos de linguagem escrita e diferentes portadores de textos.

Muitas atividades escritas são organizadas:

- tendo como modelo as propagandas dos super mercados, o educando poderá criar uma própria, ou então, apenas copiará a que ele consome em sua casa;
- Cada grupo poderá criar um produto e fará o seu texto publicitário, sabendo que, no texto, eles deverão incentivar o consumidor a comprar o seu produto, ou então pensando em como mudar a opinião do consumidor;
- Elaborar um texto publicitário para os veículos de comunicação como rádio e televisão, com objetivos e horários importantes para o público a ser atingido;

- Elaborar uma embalagem ou rótulo para o seu novo produto, não esquecendo de todos os elementos que devam compor a embalagem ou rótulo.

O sentido dessa atividade, além, é claro, de desenvolver a escrita em sua função social, é compreender a ideologia do capitalismo de consumo, o que é capaz de realizar, enquanto propaganda, para que o consumidor se sinta na obrigação de comprar um produto, ou trocá-lo mesmo sem a necessidade do consumidor.

Geralmente, após este tipo de atividade, o jornal é o próximo passo.

Publicidades

A publicidade – revistas, jornais, panfletos de supermercado, outdoor, de rádio e televisão – tem a função de vender bens e serviços em grande quantidade, para muitas pessoas, portanto é necessário discutir fazendo comparações dos textos com apelos emocionais pra cativar o consumidor.

Algumas atividades que desenvolvemos com os educandos deram a oportunidade de surgir a discussão sobre o texto publicitário.

Atividade

1- reescrevendo o texto publicitário

Como os educandos levaram os rótulos e embalagens para a sala de aula, aproveitamos para que reescrevam os rótulos para que compreendam o que é necessário ter numa embalagem.

2 - Criando um produto e a sua publicidade

Pedimos que em dupla criem um produto que eles acreditem que seja necessário em suas casas. Um produto que será vendido para a população de seu estado. Assim, vamos criando as condições para que pensem e reflitam sobre o que é necessário e como a indústria tem que pensar sobre o produto e a sua venda.

O próximo passo é criar uma propaganda, com slogan para seu produto e que deverá estar na mídia para que o público possa conhecer o produto recém criado para que possam consumi-lo.

Cada dupla apresenta para seu grupo de sala o produto e poderá utilizar toda a mídia – jornal, revista, outdoor, televisão, rádio - para convencer os outros a compra-lo. Cada dupla poderá escolher uma ou duas formas de apresentação, desde de que possamos utilizar todas as conhecidas pelo grupo. Neste momento a intervenção do educador é muito importante, pois, ele próprio poderá levar para sala tipos de textos publicitários que os educandos não mencionaram.

Desta forma trazemos para a sala de aula a discussão de todos os veículos de comunicação e a sua importância para mudar a opinião pública, inclusive dialogarmos sobre como poderia ser a mídia para levar à população informações importantes através de sua programação diária.

LENDO O JORNAL - A IMPRENSA NO COTIDIANO

Entender a dinâmica do texto jornalístico é complexo e necessita de que o educando já tenha algumas habilidades, como análise e síntese, inferência, classificação, identificação de índices nos quais as informações relevantes podem ser encontradas, e, se ainda não as possuem sabemos que será momento oportuno para desenvolvê-las.

Utilizaremos o jornal como conteúdo e estratégia para conhecermos melhor diversos tipos de textos existentes num único portador, além de proporcionar ao educando e ao educador a atualização das informações, notícias de sua cidade, estado, país e mundo. O jornal traz notícias, informações, reportagens, entrevistas, imagens, crônica, críticas, lazer, diversão, entre outros diversos textos, como: horóscopo, palavras cruzadas, receitas, piadas, charges, cartoons, publicidade, classificados, etc.

Precisamos lembrar que o jornal é diário ou semanal, de acordo com cada cidade, e para tanto o custo de suas folhas precisa ser mais barato do que o livro ou revista, pois é um portador de texto descartável e reciclável.

Atividade

1 - Observando para conhecer

Levar para a sala de aula dois tipos de jornal, uma revista e um livro.

Junto com o grupo podemos comparar um com o outro, para que o educando perceba a diferença que há entre eles e as semelhanças, inclusive do tipo de papel, tipos de letras, encadernação, etc.

Verificar como estão distribuídos os cadernos do jornal, os capítulos do livro e as reportagens da revista, quero salientar que é importante observar os detalhes, da primeira página, nome do autor, ano de elaboração de cada um. Assim estaremos demonstrando as diferenças e porque, de acordo com cada informação que queremos, procuramos revistas, jornais ou livros.

Um quadro para categorizar o material

	JORNAL	REVISTA	LIVRO
Nome			
Data			
Formato			
Tipo de Papel			
Número de Páginas			
Preço Unitário			
Tiragem			
No. De edição			
Editor			

Com este quadro construído coletivamente poderemos iniciar a discussão sobre a importância de cada portador de texto:

- pra que serve?
- que tipo de informação ele tem?
- como manuseá-lo.

Não esquecendo que ser leitor é também, e principalmente saber procurar informações, para tanto, precisamos conhecer vários tipos de portadores de textos, manuseá-los e verificar todas as semelhanças e diferenças de textos.

Cada texto contido no jornal o educando deverá analisar como leitor e escritor. Vamos entender o jornal como portador de texto, para isso precisamos reunir os educandos em grupo manuseando um jornal inteiro e analisando:

Principais partes de um jornal:

I - Folha de rosto:

- cabecalho : nome, título, ano, mês, semana, dia, responsáveis técnicos e do editorial, fundação do jornal, a quem pertence.
- Manchete: título externo, feito com tipo de letra em maiúscula (letra bastão), tendo como função chamar a atenção para a notícia principal do dia.
- Lide (Lead) é um resumo da notícia que a manchete está chamando a atenção, segundo regras básicas, deve responder brevemente às perguntas: quem? O quê? Quando? Onde? Por quê? Para assegurar a rapidez da leitura e a curiosidade para folhear o caderno na busca de mais informações.
- Editorial: coluna com opiniões sobre vários temas com teor político ou crítico de assuntos atuais escrita pelos editores.
- Charge: são desenhos dos editoriais, imagens engraçadas com mensagens sérias, podemos dizer que a charge é um editorial em forma de desenho.
- Sumário: traz as indicações das páginas e como os cadernos estão organizados para melhor efetuar a procura da notícia ou reportagem.

Obs. Cada jornal tem uma característica de primeira página, por isso precisamos ter em mãos, na sala de aula, um jornal grande e um de pequena circulação.

II - Cadernos:

- Economia: são reportagens e entrevistas que apresentam notícias da economia do país e do mundo.
- Política: são reportagens e entrevistas que apresentam notícias sobre políticas que envolvem saúde, educação, eleição, meio ambiente;
- Esportes: são reportagens e entrevistas que apresentam notícias e informações sobre o mundo dos esportes;
- Cultura e lazer: - Previsão do tempo, horóscopos,, geralmente é um caderno que apresenta divertimentos (palavras cruzadas), datas e horários de cinema, show, teatro, exposições, museus, eventos, bibliotecas, e muitas vezes com críticas sobre os entretenimentos;
- Classificados: espaço destinado à participação do público em geral que queira comercializar algum produto de modo particular. Temos neste espaço uma sub divisão em : Casas, Apartamentos (aluga-se e vende-se); carros, empregos e diversos outros tipos de comércio.
- Editais: esse espaço está à disposição dos municípios para tornar público as licitações, protestos, prestação de contas públicas, rincipalmente de municípios.

Os espaços para a publicidade são vendidos, geralmente, para as grandes indústrias e ou comércio que tem a necessidade de grandes vendas, o que não é o caso dos textos dos classificados.

2 - Observando a escrita para ler

Trabalhando a notícia (precisa-se ter em mãos dois tipos de jornal)

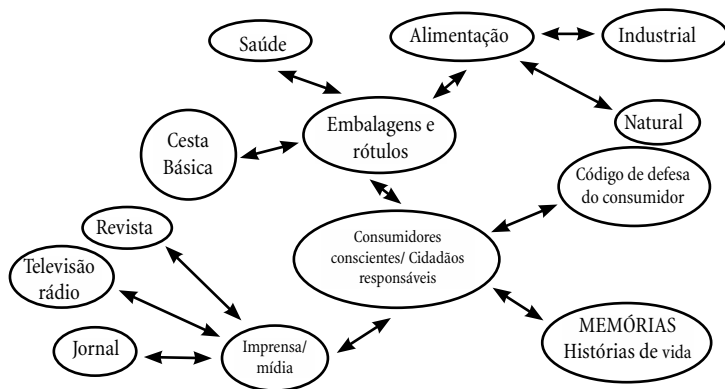
A notícia diária é uma das características atribuídas ao jornal e não podemos nos esquecer da notícia televisiva e a do rádio que é mais vista e ouvida pelos educandos, por isso alguns pontos devem ser considerados:

- pegar uma notícia que saiu no jornal, na TV e no rádio (a atividade pode ser uma tarefa para os educandos assistirem e ouvirem em casa e trazerem tal qual foi entendida)
- comparar os fatos, as datas, as pessoas envolvidas e como cada portador direcionou a notícia;
- chamar a atenção dos educandos para as diferentes versões que aparecem, como pode ser, que cada um tenha focalizado mais um fato do que outro;
- desafiar para uma discussão ideológica de cada portador da notícia: seus interesses comerciais e políticos;
- mostrar como uma notícia pode influenciar as nossas opiniões;

Como todos os tipos de jornais sejam eles escritos, falados ou por imagens sempre trazem informações direcionadas para mover a opinião pública, temos que estar atentos. Quando trabalhamos o jornal, as discussões sobre diversos assuntos ficam em pauta, precisamos aproveitar para re-escrever os textos, buscar com mais profundidade os temas abordados, para que o nosso educando não fique apenas com um só ponto de vista.

O mais interessante é que muitas vezes as atividades com o jornal acabaram com a elaboração de um jornal da turma.

Mapa conceitual: consumidores conscientes – cidadãos responsáveis



RE-CONSTRUINDO A NOSSA HISTÓRIA

Como nos alerta SILVA (2000,p.28)

Ao ver a identidade como uma questão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum.

Para o autor, como já indicamos no capítulo II, pode haver diferentes histórias, como então, negociaremos as versões do passado de nossa história compartilhada? Sob vários pontos de vista, indicado pelos próprios educandos, poderemos celebrar as diferenças recuperando aquilo que há de comum na intersecção de vários passados e de nossos presentes.

Para o autor, o passado, a história, sofre constantes transformações, pois este passado é uma “co-munidade” imaginada, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo “nós”.

Entretanto, compreendo que para que possamos ter uma identidade coletiva temos a necessidade de definir nossas identidades - SILVA (2000), declara que:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Na mesma linha de raciocínio, também, a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.

Todos possuímos identidade, todos nós pertencemos a um grupo e somos excluídos de outro. A discussão que se dá numa sala de aula é porque somos incluídos em determinados grupos e excluídos de outros. Essa discussão nos leva a refletir sobre a nossa posição cultural e social e que nos dará a possibilidade de termos consciência de qual grupo pertencemos para então poder transformar a realidade.

Assim, SILVA, (2000,p.81) sintetiza:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição- discursiva e lingüística- está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas...A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Portanto, quando nos identificamos – EU SOU – demarcamos os espaços e isto significa dizer o que – NÃO SOU – e colocamos fortemente uma separação entre EU e ELE (A). Assim, classificamos e esse processo é importante na vida social, pois, estamos dividindo e ordenando o nosso universo em grupos, em classes, e então, hierarquizando, e, quem detêm o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, p.82).

Para completar a história de vida através das memórias buscamos a história de nosso tempo, como era o Brasil no século passado, o século XX, que é o século em que a maioria de nossos alunos nasceu e passou a maior parte de suas vidas.

No diálogo com os educandos, vamos recriando o tempo em que viveram e decidindo o que se coloca na linha do tempo. Momento em que poderemos utilizar poemas, músicas, obras de arte que expressem a linguagem de um tempo, podem, também, através das lembranças, desenvolver o trabalho por década, por exemplo: década de 50, de 60, de 70. As decisões devem ser tomadas coletivamente, discutindo com o grupo que existem muitas formas de registrar as nossas histórias.

Não esquecendo que a identidade e diferença são resultados de atos de criação lingüística. Assim, SILVA (2000) explicita que

...identidade e diferença são o resultado de atos de criação lingüística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem e com frequência esquecemos que a identidade e diferença têm de ser nomeadas. (p.77)

Quando nosso educando diz “ser” está dando sentido no que é “não ser”, que está intrínseco no que reconhecemos como sendo uma cadeia infinita de outras marcas fonéticas ou gráficas. O por-

que de “não ser” é que nos leva a discussão do sujeito que está no mundo e que precisa compreender-se para poder transformar.

Fazer uma pesquisa que educador e educandos farão juntos utilizando livros, revistas, visitando museus, convidando pessoas para darem depoimentos, entrevistando pessoas que estudam ou viveram determinada época, buscando a afirmação da identidade e a enunciação da diferença, para que se possa compreender os desejos de diferentes grupos sociais que nos leva a refletir sobre o acesso privilegiado aos bens sociais (SILVA,2000,p.81).

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Entrelaçando depoimentos, comparando com suas memórias educador e educandos negociarão – refletirão - as versões do passado de seu grupo com as versões dos livros didáticos, com as revistas de época, e todos os textos que poderão encontrar.

Não esquecendo que para cada tipo de pesquisa estaremos trabalhando com textos diferentes, e esta é a oportunidade de dialogar com os educandos sobre as diferentes formas de registro, e, desse modo, estaremos escolhendo coletivamente qual texto é o mais indicado para registrar a história do grupo.

Então, os educandos estarão discutindo a sua própria história junto com a história de sua cidade ou comunidade. Acreditamos que terão um novo olhar para a realidade social dialogando com o vivido e percebendo-se participante na construção da história.

Sugerimos o tema gerador “MUSEU”.

Utilizando alguns métodos e técnicas pedagógicas, poderão desenvolver o tema dentro de uma dimensão político/ pedagógica.

1. O método mostra o como, o caminho a seguir;
2. A técnica como instrumento para dirigir o nosso caminho para que possamos atingir os objetivos pedagógicos de maneira reflexiva e compartilhada.

Etapas do processo metodológico

Indicamos no capítulo I estas etapas com maiores detalhes. Neste momento apresentamos como exemplo o tema MUSEU.

- AULA EXPOSITIVA DIALÓGICA;
- PROBLEMATIZAÇÃO;
- INSTRUMENTALIZAÇÃO;
- ESTUDO DE TEXTO;
- ESTUDO DO MEIO;
- TEXTO COLETIVO.

1- AULA EXPOSITIVA DIALÓGICA

A aula expositiva dialógica nos permite ouvir para reconhecer as hipóteses, as dúvidas e as expectativas de nosso(a) educando(a) para transformamos a sala de aula em um ambiente adequado e estimulador na reelaboração e produção de conhecimentos contrapondo os ensinamentos autoritários, tradicionais cujo conhecimento pronto e acabado não permite diálogo.

ATIVIDADE – O diálogo

- quem já conhece o museu de nossa cidade
- porque existe o museu

- qual a importância do museu para uma cidade e sua população
- o que podemos encontrar no museu

Os educandos em grupo conversam sobre as questões, colocando-as no papel. A escrita dependerá da fase em que estarão, mas necessariamente é importante que tentem escrever, a ousadia de escrever os levará a pensar sobre a escrita. Quando estão em grupo as tentativas de escrita ficam cada vez melhor, porque cada um estará sempre numa fase diferente do outro, assim, os educandos se auxiliam na hora de escrever e se não souberem o educador estará ali perto para orientá-los.

Cada grupo apresentará oralmente e o educador colocará as idéias na lousa:

PRA GUARDAR COISAS VELHAS

COISAS QUE JÁ FORAM USADAS E QUE NÃO SE USAM MAIS

FOTOGRAFIAS ANTIGAS

CONHECER COMO ERA A CIDADE ANTIGAMENTE

CONHECER PESSOAS QUE FORAM IMPORTANTES PARA A CIDADE

Com as hipóteses de seus educandos, o educador construirá coletivamente o texto dialogando sobre a importância de guardar objetos, documentos, coletar suas próprias fotografias, cartas e objetos que tenham em casa para lembrar e reconstruir suas próprias histórias para que a história possa ser reconstruída e compreendida.

Após a construção coletiva do texto, seja ele em forma de itens (listagem de palavras) ou mesmo narrativo, o educador apresenta um texto informático/científico sobre MUSEU.

2- PROBLEMATIZAÇÃO

Se problematizar nos leva à compreensão da realidade, a problematização inicia-se quando quebramos o silêncio através das perguntas. Quando existe o silêncio não existe a compreensão da realidade, por isso a importância de fazermos desafios que levem os educandos às perguntas. Perguntas são dúvidas e estas existem a partir do momento em que percebemos que não sabemos, mas que temos o espaço do diálogo, o espaço da voz.

Para a problematização, pedimos aos educandos que levem para a sala de aula fotografias, objetos, cartas, materiais que possam reconhecer com sendo parte de suas histórias que se cruzam com a história de uma época. Pedimos também, revistas, jornais, documentos, enfim, para que se percebam como participantes da construção da história.

Com o material montamos um mural que poderá ser colocado no corredor da escola, na sala de aula, ou podemos montar na sala de aula uma mostra do que é um museu: as peças, as fotos, os documentos, os jornais, etc, com nomes e datas e de quem foi a doação. Estamos preparando os nossos educandos para refletir sobre a importância do museu, da memória, da cultura de nossa comunidade.

Com essa técnica estaremos superando a justaposição de conteúdos em detrimento do enfrentamento de problemas reais gerados a partir da problematização, organizando a visão conjunta desde o início da colocação do problema e durante o processo de construção de conhecimento.

3- INSTRUMENTALIZAÇÃO

Buscar os conhecimentos e conteúdos necessários para solucionar os problemas colocados pelos educandos, escolher os conteúdos e conhecimentos universais no contexto histórico-social,

selecionados por todos e o professor é aquele que sabe coordenar esse momento para a escolha acertada.

Estaremos instrumentalizando nossos educandos na escolha do conteúdo que não é colocado como uma forma rígida, tradicional, mas um conteúdo que é necessário à compreensão do tema porque foi escolhido por todos e o educador é aquele que sabe coordenar esse momento para a escolha acertada. Como por exemplo: pesquisar um texto que traga informações sobre museus, visitar a Internet, revistas especializadas.

4- ESTUDO DE TEXTO

Desenvolver habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento e inferência é uma técnica que pode ser utilizada no início e no final do tema apresentado. Em nosso exemplo estamos utilizando o estudo de texto para complementar o saber do senso comum e refletir coletivamente para que os educandos passem a pensar e poder transformar a sua realidade.

Em grupo, os educandos colocarão no papel o que sabem sobre, em nosso caso, o MUSEU. Os alunos serão estimulados a compartilhar com o professor a re-elaboração dos conhecimentos e incentivados a produzir novos textos e novos conhecimentos a partir dos conteúdos aprendidos da reflexão do estudo de texto..

Para que o Estudo de Texto se realize com plenitude, além do desenvolvimento das habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, inferência, etc, é necessário que haja, também, uma etapa final, em que os alunos exteriorizem, pela produção própria, algo que adquiriram com o Estudo de Texto. (AZAMBUJA e SOUZA;1996, p.49)

Em todo momento estamos trabalhando com o alfabetismo, portanto não podemos nos esquecer de que neste momento em que escrevemos na lousa o que os educandos verbalizam, vamos discutindo também a forma de escrever. Caso a turma ainda tenha dificuldades, podemos utilizar com eles o alfabeto móvel, e cada grupo irá montando as palavras que serão utilizadas na construção do texto.

Esta é outra técnica de ensino que nos dá vantagens, pois envolve o educando à medida que o educador sugere pontos de reflexão tornando a leitura do texto um ato dinâmico e produtivo e o aluno aprende a ser um leitor que questiona, confronta, levanta hipóteses na busca de significados e compreende que o texto é um diálogo com o autor e tem um ponto de vista, além de oferecer múltiplos sentidos. É preciso oportunidade de leitura individual ou coletiva, oral ou silenciosa. Em nosso caso de início de alfabetização, devemos ser o leitor para os nossos educandos.

Para uma leitura coletiva podemos utilizar o retro projetor, ou então ter o texto digitado em folha de papel de metro ou pardo (se for utilizado o computador pode-se usar a letra arial com tamanho de fonte 78), assim poderemos oferecer uma leitura coletiva do texto do qual todos participarão. O educador efetuando a leitura oral permitirá aos educandos levantarem as questões pertinentes ao assunto e, ou o educador incentivando-os a fazer inferências e dialogar com o autor.

Estudando sobre o MUSEU e reconstruindo o texto, já temos delineada a reflexão sobre a importância da memória da comunidade ou da cidade, podemos propor, agora, um estudo sobre a história da cidade, pois já aprendemos o quanto são importantes as fotos, os documentos, os depoimentos. O Estudo de texto vai se completando com o texto oral.

Demonstrando a importância de se ter a memória viva de um município, e o lugar para encontrar essa memória e mais dados para completar o texto é fazendo visita ao MUSEU.

5- ESTUDO DO MEIO

Para se fazer o estudo do meio é necessária saída do ambiente escolar, e serão proporcionadas experiências vivas e vivenciadas como parte integrante do processo de ensino aprendizagem, portanto é organizada e elaborada, e essa organização é planejada coletivamente, dentro da sala de aula com os educandos. Ela proporciona uma abordagem interdisciplinar, isso significa encontrar conteúdos para melhor compreender o homem interagindo com o mundo e é um precioso momento para observar, registrar, através da escrita e de fotos, comparando com o que já se conhece e também, entrar em contato com um conjunto significativo que é o próprio meio.

Organizar coletivamente é dialogar com a sua turma para organizar a visita. Levantando com o grupo todos os pontos importantes e necessários para sair da sala de aula e fazer um passeio cultural.

Atividade

- como se chega ao museu ;
- qual o caminho;
- precisa de ônibus;
- quanto ficará;
- quem vai alugar ou emprestar o ônibus;
- como se agenda a visita;
- quem é o responsável pelo museu;

Com essas questões entramos na linguagem matemática, ao mesmo tempo em que discutimos os textos que devem ser elaborados para se conseguir recursos para o transporte. Envolvendo os educandos na elaboração de quadros ou tabelas, organizando

o projeto coletivamente, temos assim, mais um tipo de texto para ser elaborado.

O estudo do meio é uma técnica pedagógica que se realiza por meio da pesquisa, isto é, utiliza-se instrumentos metodológicos diversos, registra e interpreta a realidade propondo alternativas, assim o ensino estará sendo planejado e avaliado em múltiplos aspectos tanto pelos educandos como pelo educador envolvidos e comprometidos com a transformação social.

Um exemplo de um Projeto:

PROJETO “O MUSEU”

Objetivos:

- Conhecer o museu;
- Reconhecer e descobrir a importância do museu como preservação de nossa história;
- Reconhecer a si mesmo como protagonista da história.
- Sensibilizar os educandos e sua família para a importância da cultura e da memória da cidade em que vivem.

Desenvolvimento:

- Comentários na sala de aula sobre o museu, a sua construção e sua importância;
- visita ao museu;
- comentários orais na sala de aula após a visita;
- escrita do relatório coletivamente;
- verificar através de entrevistas se a família conhece o museu;
- verificar se possuem algum objeto, fotos, cartas, documentos, jornal, guardado em casa;

- organizar um mini museu na escola para divulgar à comunidade um pouco de nossa história.

Produto final:

Relatório do que mais gostaram e no que podem colaborar para resgatar a história, a cultura (a memória) e o patrimônio de nossa cidade. No relatório estarão presentes os textos já elaborados individualmente e coletivamente.

A visita ao museu não pode ser uma atividade de passagem, de passeio, olhar para as suas peças, seus documentos, enfim olhar é olhar o passado, a cultura, os costumes, é olhar a história de um povo. Esse olhar deve ser direcionado, principalmente quando um educador acompanha seus educandos.

Conhecer um museu para educando e educador começa antes da visita. Começa na sala de aula, o educador precisa iniciar com a história de vida de cada educando. Como já iniciamos a escrita das memórias de nossos educandos, retomaremos essa escrita. Reconstruir as suas histórias, utilizando o próprio material que o educando tem em sua casa: fotos e peças de família, coletânea de revistas e jornais de seus familiares e vizinhos, cartas e documentos. Discutindo e ensinando a observar seus próprios documentos, ouvir suas histórias, registrar, quando o educando ainda não escreve, montar e reconstruir cada fase, são momentos de escuta e de fala.

Ouvir o outro, como já afirmamos, é ouvir suas dúvidas, é dar a oportunidade de o outro se expor e expondo-se aprende o que é seu o que do outro e principalmente expõe o não saber. Na intenção de discutir o Eu e Ele(a) temos a oportunidade de trabalhar sobre as diferenças, como elas são ativamente produzidas e que a diversidade cultural não é produto da natureza, e sim, estimular, explorar o impensado, o arriscado, o ambíguo.

O educador estará envolvendo seus educandos numa aula dialógica respeitando e valorizando cada um, reconhecendo a identidade, a cultura e os valores de seus educandos. O mural poderá ser o momento da concretização dos diálogos das histórias escolhidas como as mais importantes para a sua sala de aula.

Outros projetos foram desenvolvidos, como “Conhecendo os monumentos arquitetônicos da cidade”; “Visitas ao Centro da cidade”, e muitos outros que os próprios educandos sugerem. É um novo olhar sobre o universo em que estão acostumados a ver todos os dias, um olhar agora crítico e científico, na busca da identidade cultural, na multiplicidade das diferenças e não somente a diversidade.

Esses momentos são preciosos de descobertas e de reflexões sobre o tempo e o espaço. Aparecerão muitas questões sobre o município que será necessário contextualizar, para isso o educador levará textos para que seus educandos possam se aprofundar na história das relações sociais e culturais. Esses projetos possibilitam refletir sobre a diferença do múltiplo e não somente do diverso (diversidades), porque para SILVA

...o múltiplo é sempre um processo , uma operação, uma ação e a diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é sempre ativa, é um fluxo, é produtiva, é um movimento, enquanto que a diversidade reafirma o idêntico, é um dado – da natureza ou da cultura. (2000,p.100)

Podemos para melhor compreender o EU e o ELE(A) trabalhar o poema de Cecília Meirelles – Ou isto ou aquilo.

Neste capítulo vimos quantos tipos e portadores de textos podemos utilizar quando elaboramos um projeto, como entrevistas, reportagens, relatórios, etc. e a importância dos documentos que muitas vezes estão arquivados em nossa própria casa.

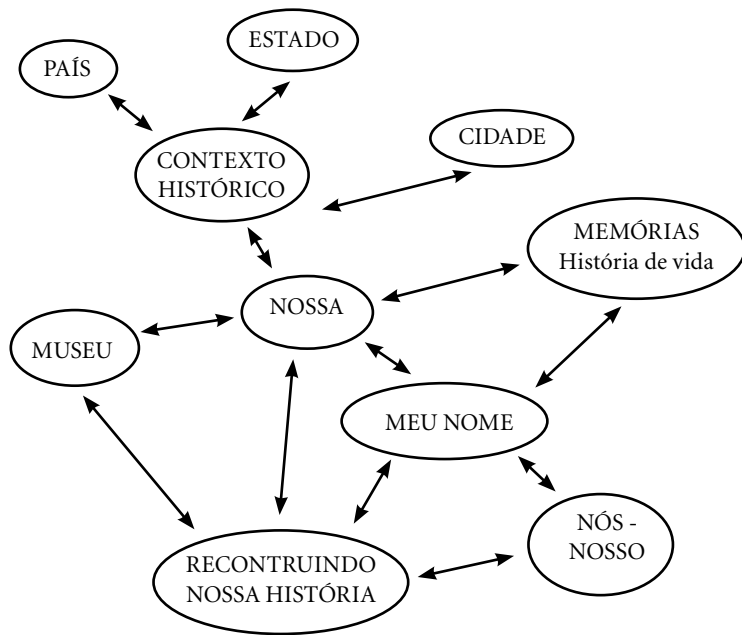
Não podemos determinar exatamente como serão os encaminhamentos, mas podemos ter com clareza que ouvindo nossos a educandos saberemos os próximos passos.

Não podemos esquecer de utilizar a riqueza da sabedoria de cada um, porque enquanto estamos dialogando sobre o que sabem de suas próprias histórias buscamos no tempo, a história construída de cada um e a história sistematizada. Só assim sairemos do senso comum para nos apropriarmos do conhecimento científico. Um conhecimento refletido, crítico, compreendido. Um conhecimento repensado na materialização fundamentada na teoria das experiências do próprio sujeito cognoscente.

Podemos terminar essa atividade reconstruindo, dentro das histórias de vida do grupo, um novo texto, ou um novo poema no coletivo, com palavras e frases do grupo e o educador sendo o escriba da classe. A cada novo texto construído no coletivo, o educador deverá passar para todos: digitado e lendo para todos e iniciando a construção do livro coletivo de textos da turma.

Outras sugestões foram aparecendo de acordo com cada grupo que trabalhamos, a idéia é iniciar com os nomes e suas histórias de vida, pois assim estaremos estabelecendo as relações de confiança e credibilidade para que possamos discutir os próximos temas conceituais para que avancemos nas diversas áreas de conhecimento.

Demonstramos o mapa conceitual que utilizamos para realizar o tema MEMÓRIAS tendo como sub tema **Re-construindo a nossa história.**



ESCREVENDO E LENDO CARTAS: RECEBENDO E ENVIANDO MENSAGENS

Escrevendo para os ausentes

Escrever uma carta é uma das formas que existe para unir as pessoas que estão separadas pela distância, e esta foi a razão pela qual ela foi inventada, para informar aqueles que estão ausentes de alguma coisa que eles devem saber, de interesse de ambos, é fazer as pessoas ausentes, presentes. Estar presente na ausência

A necessidade da escrita de cartas/ofícios mesmo quando as pessoas não se encontram afastadas:

- a burocracia, ou organização de empresas e instituições obriga as pessoas a construir comunicados internos para que seu conteúdo fique registrado, documentado;
- nos dias de hoje a extensão da distância tanto pode ser física, como de hierarquia.
- pedidos e solicitações a repartições públicas, e outros;

A saudação da carta para o destinatário deve ser em relação aos sentimentos de seu remetente, amistoso e dependente do lugar que se ocupa, e, será formal ou não, dependendo do tema e compatível com a ordem social do destinatário e do remetente. Assim como a forma e o lugar de se escrever o remetente dentro de um carta/ofício deverá ser de forma humilde, sem ostentação, mas mostrando também seu lugar na ordem social.

Para desenvolver o projeto de cartas, podemos aproveitar quando tivermos a necessidade de enviar ofícios, e resgatar as cartas guardadas, assim, mostrar as diferentes formas de se escrever uma carta, pois para cada emissor e receptor e, ainda, para cada objetivo de se escrever, tem se uma maneira: formal e informal. Não esquecendo que a escrita, em sua função social de comunicação, materializa as mensagens, pois o que se escreve não se perde no tempo nem no espaço, permitindo a conexão com o mundo.

Com essa reflexão, entendemos que a atividade deve ter um objetivo que foi “pinçado” da discussão nos círculos de cultura. O tema gerador é que define a necessidade do grupo e nós temos que estar preparados para os caminhos a serem percorridos. Escrever um novo tipo de texto é construir uma nova forma de expressão, e uma mensagem necessariamente tem suas vias corretas para que cheguem nas mãos das pessoas certas. Assim, lembramos que o tema surgiu de uma necessidade do grupo e nós temos que estar preparados para os caminhos a serem percorridos no planejamento deste projeto.

Quando se trabalha a carta, pode se também elaborar bilhetes, convites, cartão-postal, telegrama, ofício, abaixo assinado, requerimento e outros documentos que se fizerem necessários na sala de aula.

Para isso, discutimos a necessidade dos pronomes de tratamento, material a ser utilizado, quem são as autoridades no âmbito municipal, estadual e federal; a importância de se saber de que lugar se escreve, quem escreve e para quem se destina. Queremos alertar sobre os pronomes de tratamento, com a linguagem, formal ou informal, e também, com a estética, com a saudação e a finalização.

Para a saudação:

- **Prescrita:** quando o nome do destinatário vem em primeiro lugar antecedido por suas qualificações, por exemplo:
Ilma. Sra. Diretora de Ensino
Prof^a. Ana Maria da Costa Rosa;
Caro Amigo
José Maria Reis da Silva;
Exma. Deputada Estadual
Sra. Maria Emília da Silva;
- **Subscrita:** quando o nome do destinatário é colocado ao fim, com todas as qualificações acima descritas, mas ao final da carta/ofício.

As decisões deverão ser feitas coletivamente para que os educandos saibam refletir sobre como e porque, e assim conhecer a importância de planejar, escrever, reescrever, ordenar as idéias de acordo com os objetivos, o tema, o destinatário e o remetente.

Sempre quando iniciamos a montagem de um novo tipo de texto, procuramos discutir todo o material que será utilizado. Por exemplo:

- tipo de papel : sulfite, almaço, cartolina, etc..
- instrumento a ser utilizado: caneta, lápis, digitação, etc..

Como já afirmamos, o projeto precisa ser elaborado na sala de aula junto com os educandos, para que possam compreender todo o processo. A discussão em torno do tema para a elaboração e execução do projeto com os educandos pode partir das seguintes perguntas:

- qual objetivo da carta ou ofício ou bilhete, ou convite e etc.?
- qual instrumento para a escrita poderá ser utilizado?
- que tipo de portador de texto será utilizado?

Através do diálogo vamos ouvindo os alunos e escrevendo no quadro as palavras que os educandos vão dizendo ao mesmo tempo em que trabalhamos a classificação, redescobrimo os instrumentos, o tipo de papel que deve ser utilizado e para quem e porque se escreverá-objetivos.

Este é um tema que teremos produções individuais e produções coletivas de acordo com as necessidades que irão surgindo. O educador discute com seus educandos quais os tipos de instrumentos conhecem que servem para escrever, mostra alguns que são comuns e estão na sala de aula, poderá preparar essa aula buscando na história da humanidade a necessidade de o homem deixar marcas e escrever, bem como, os instrumentos criados por cada civilização. Temos o Filme editado pela F.D.E. 1991, chamado a “História da Escrita”.

Portanto, reconhecendo o material a ser utilizado, o educador registra no quadro cada palavra de seus educandos e exigindo cada vez mais a descrição do material que os educandos estão nomeando, pois, temos na sala de aula diversos instrumentos de escrita, e, existem em diversas cores e tipos de materiais, temos também as máquinas de datilografar, substituídas pelo micro computador.

Se houver necessidade de distribuição do texto para muitas pessoas, temos que discutir qual material de multiplicação de tex-

tos será utilizado, como por exemplo, a impressora, a fotocópia, ou mesmo o mais antigo mimeógrafo a álcool, tudo depende das possibilidades financeiras do grupo e finalidade do trabalho.

Assim, teremos o custo de um documento, e para isso é preciso resolver problemas que envolveram conhecimentos da matemática, além das quatro operações, poderemos estar elaborando uma tabela, onde teremos todo o material e o seu custo total e unitário, ou, se o documento tiver que ser enviado pelo correio a várias pessoas.

Quadro de custos operacionais

	material	Quantidade	Preço unitário em R\$	Preço total em R\$
Portador de texto	Papel Sulfite	65	0,05	3,05
Instrumento de escrita	Micro-computador	01	2.000,00	2.000,00
Fotocópias	Cartucho de tinta	01	35,00	35,00
Distribuição	correios	65	0,08	5,20
Material para enviar pelo correio	Envelopes	65	0,05	3,05
	Selos	65	0,10	6,50
TOTAL GERAL				2.045,75

Com isso, ficarão sabendo quanto custa todo o material, entretanto o micro computador estará sendo emprestado, portanto não há necessidade de comprar e a tinta será reutilizada em outros textos. Mas, é somente para demonstrar que tudo o que pensamos em fazer tem um custo e alguém deverá estar demandando os recursos financeiros.

Para todo tipo de texto apresentado precisa-se trazer um como modelo, e aproveitamos para mostrar a variedade das formas que se podem escrever um documento, qualquer que seja ele; carta para um amigo, ofício para departamentos de empresas pública ou privada, etc.

Para ampliar o universo de palavras, emoções e conhecer outras formas de escrever podemos utilizar músicas como a interpretada por Erasmo Carlos, de autor desconhecido, em que se canta uma carta para a namorada:

Escrevo-te estas mal traçadas linhas meu amor
porque veio a saudade visitar meu coração
espero que desculpes meus errinhos por favor
nas frases desta carta que é uma prova de afeição
Talvez tu não a leias, mas quem sabe até darás
resposta imediata me chamando de meu bem
porém o que importa é confessar-te uma vez mais
não sei amar na vida mais ninguém
tanto tempo faz que li no teu olhar
a vida cor de rosa que eu sonhava
e guardo a impressão de que já vi passar
um ano sem te ver um ano sem te amar
e ao me apaixonar por ti não reparei
que tu tivestes só entusiasmo
e para terminar amor assinarei
Do sempre, sempre seu

Temos outras músicas que poderíamos dialogar sobre o contexto histórico, apesar de ser uma música que se canta uma carta, mas que foi gravada em fita K7-Chico Buarque – Meu caro amigo:

Meu caro amigo me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando que, também, sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades
Refrão
É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa
Refrão
Muita careta pra engolir a transação
E a gente tá engolindo cada sapo no caminho
E a gente vai se amando que, também, sem um carinho
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco

Se permitem, vou tentar lhe remeter

Notícias frescas nesse disco

Refrão

A Marieta manda um beijo para os seus

Um beijo na família, na Cecília e nas crianças

O Francis aproveita pra também mandar lembranças

A todo o pessoal

Adeus

Podemos observar que tem a saudação, o motivo de estar escrevendo a carta, as notícias que precisam ser divulgadas e depois a finalização com saudações. Outra é a do Adoniram Barbosa que conta sobre a importância do recado, que não deixa de ser uma carta:

Samba do Arnesto

Adoniram Barbosa

O arnesto nos convidô prum samba, ele mora no brás

Nóis fumo e não encontremos ninguém

Nóis vortemo cuma baita duma reiva

Da outra veiz nóis num vai mais

Nóis não semos tatu!

Outro dia encontremo com o arnesto

Que pediu desculpa mais nóis não aceitemos

Isso não se faz, arnesto, nóis não se importa

Mais você devia ter pohnado **um recado na porta**

Anssim: “ói, turma, num deu prá esperá

A vez que isso num tem importância, num faz má

Depois que nóis vai, depois que nóis vorta

Assinado em cruz porque não sei escrever arnesto”

Esta música é muito boa porque podemos aproveitar para dialogar sobre a forma de falar e de escrever, pois sabemos que em música

pode estar escrito assim, mas dependendo para quem escrevemos não podemos colocar o nosso jeito simples de falar. Muitos outros poemas e músicas poderão ser lembrados e escritos pela sua turma.

1- escrevendo e lendo uma carta cantanda

Costumamos nessa aula trazer a letra para todos, mesmo para aqueles que ainda não sabem ler, pois o leitor será o educador, e assim, os educandos estarão acompanhando a letra pela música tocada e posteriormente pela leitura do educador.

Distribuída a letra da música ou o poema, perguntamos a todos quem sabe o que é, porque pela formatação do texto os alunos poderão inferir sobre o texto:

- é uma receita? uma carta? uma história?
- onde está o título?
- quem sabe dizer qual é o título?
- pelo título, do que se trata o texto?
- quem é o autor?
- vamos ouvir a música e verificar se o que inferimos é o que contém o texto;
- dialogamos sobre qual sentimento a música desperta, se traz alguma recordação, e, qual a importância da música na nossa vida;
- ouvimos a música uma segunda vez, se necessário ou se pedirem;
- partindo do título, pedimos para que verifiquem quantas vezes a palavra do título aparece no texto, e sublinhando-as;
- partimos então para as palavras que foram mais significativas das que foram ouvidas, ou lidas, e sublinhar com outra cor de lápis ou caneta;

- qual palavra o autor usou para saudação e qual para a despedida.
- qual outra palavra que poderia ser utilizada para o mesmo objetivo?
- quais as palavras que o autor utiliza para melhor expressar o objetivo da mensagem;

De acordo com o diálogo, as palavras serão escritas na lousa, para que cada educando visualize a palavra. A cada uma os educandos irão descobrindo seus significados e significantes, se ainda estiverem na fase pré-silábica ou mesmo na fase pré-silábica / alfabética podemos aproveitar para trabalhar as palavras com o alfabeto móvel. Montar as palavras no alfabeto móvel é uma das atividades que fazemos para que o educando perceba com quantas letras e quais letras se podem escrever uma palavra. Geralmente fazemos essa atividade em dupla, um procura a letra enquanto o outro diz quais a letra, quanto o outro diz quais letras e onde devem ser colocadas.

Podemos discutir outras linguagens assistindo a filmes como “Central do Brasil”; “O carteiro e o poeta”, momentos profícuos de discussão sobre a necessidade de se escrever cartas informais para que se mantenham informadas a família, a importância do saber ler e escrever e o poder que a escrita tem.

O projeto com o tema conceitual CARTAS a ser elaborado coletivamente com a classe, é uma situação coletiva entre educandos e o educador, pessoas que pensam e dialogam, é a realização de um trabalho que tem um processo de negociação constante entre as realidades vivenciadas de cada um. É a aula dialógica onde os saberes do cotidiano aparecem e são negociados com os conhecimentos científicos.

Quando estávamos desenvolvendo a atividade de carta, a coordenadora pedagógica enviou para a turma uma carta, foi um motivo para que respondessem e enviassem pelo correio. Assim, tiveram que conhecer o correio e todas as implicações de estar num lugar que tinham um certo medo de se arriscarem, e neste dia foi muito bom, porque estavam seguros do que estavam fazendo.

Para uma das turmas, a educadora convidou um carteiro para explicar a importância de sua profissão e porque era tão necessário preencherem os envelopes com todos os itens.

Procuramos, na medida do possível, estar levando profissionais de cada área desenvolvida para que aprendam a fazer perguntas e refletir sobre a necessidade, aqui em nosso caso, de que enviar uma carta com segurança para que chegue ao seu destinatário, é importante prestar atenção em todos os itens.

Depois que desenvolveram esse projeto, avaliamos através da segurança que obtiveram em escrever cartas, principalmente para seus amigos e parentes, pois muitos nos mostravam as cartas para se certificarem que estava correto. Acredito que não há necessidade de provas ou atividades de avaliação porque os nossos educandos começam a fazer uso do que aprendem. Esse é nosso objetivo a utilização da língua escrita em sua vida diária.

2- Convites e cartazes

O convite e o cartaz nos envolvem num projeto maior. Porque por de trás de um convite e um cartaz existe um projeto de festa, de reunião, de encontro, etc... Em uma sala de aula de jovens e adultos, festeja-se muito: aniversários, datas comemorativas e principalmente a Festa Junina. Uma Festa de valor cultural popular que muitos de nossos educandos participaram em sua infância e juventude.

Educadores e educandos trazem em suas bagagens as suas histórias. Precisamos conhecer um pouco de nossas festas espalhada pelo Brasil afora, em vários lugares, e várias tendências.

A - PROJETO FESTA JUNINA

Elabora-se o projeto coletivamente dentro da sala de aula, e o educador irá coordenando as idéias de seus educandos, escrevendo na lousa ao mesmo tempo em que através de perguntas organiza o projeto.

Atividade

1- Diálogo inicial:

- por que faremos a festa junina, fins assistenciais?
- onde será, em que dia e horário será realizada
- quem será convidado
 1. amigos
 2. familiares
 3. autoridades
 4. a comunidade
- o que teremos na festa:
 1. comes e bebes
 2. danças
 3. jogos e brincadeiras
 4. barracas

Sabendo como será a festa onde, quando e quem convidaremos, inicia-se o processo de construção dos textos:

1. carta / ofício:

- solicitar o local da festa
- pedido de autorização do horário para danças, barracas e brincadeiras
- solicitar emprestadas as barracas desmontáveis, ou então madeiras para montá-las
- solicitar um carro para buscar os bambus para enfeitar o local
- solicitação de prendas para as barracas

2. convites:

- para as autoridades
- para os amigos
- para a imprensa : rádio; jornais; tvs

3. cartazes:

- para a comunidade

4. resumo do projeto para a imprensa

Utilizando-se da mesma técnica dos ofícios, temos que discutir sobre o material que será utilizado, levando em conta que os convites deverão ser feitos em maior escala que os cartazes e os ofícios. Assim, faremos um diálogo sobre o que, como e para quem serão escritos os convites.

LEMBRE-SE

- tipo de papel
- instrumentos – digitado ou manuscrito por cada um da sala
- duplicação – que instrumento será utilizado para a duplicação

O envolvimento e o compromisso de todos dependerão das discussões em sala de aula. Vários modelos de convites poderão estar à disposição na sala de aula. Aproveitamos os momentos para explicar quando é necessário enviar convites formais, em que situações devem responder os convites.

Não podemos nos esquecer de comparar a escrita de um cartaz, um ofício e o convite, porque cada texto tem o seu objetivo e o seu interlocutor ou interlocutores.

3- TELEGRAMAS- CORREIO ELETRÔNICO

Muito importante discutir os meios de comunicação e mensagens. Hoje sabemos da importância da comunicação a distância, em seu tempo real e virtual. Em quase todas as escolas do Estado de São Paulo há um micro computador ligado à internet, se tivermos acesso a esse veículo de comunicação poderemos instrumentalizar nossos educandos com mais um veículo de informação. Aproveitar para o trabalho da inclusão digital, enviando ofícios para reivindicar um micro computador com internet para a sala de aula.

Podemos levar até a sala de aula um modelo de telegrama e mostrar como é fácil preenchê-lo, assim como mostrar as comunicações via internet, tanto pelo correio eletrônico como pela comunicação direta em tempo real (msn-skype e outros). Também, dialogar sobre as formas diferentes, como as pessoas se comunicam por estes instrumentos, a linguagem escrita e os desenhos. Convidar uma pessoa para conversar sobre esse tipo de comunicação a distância, tão utilizada em nossos dias.

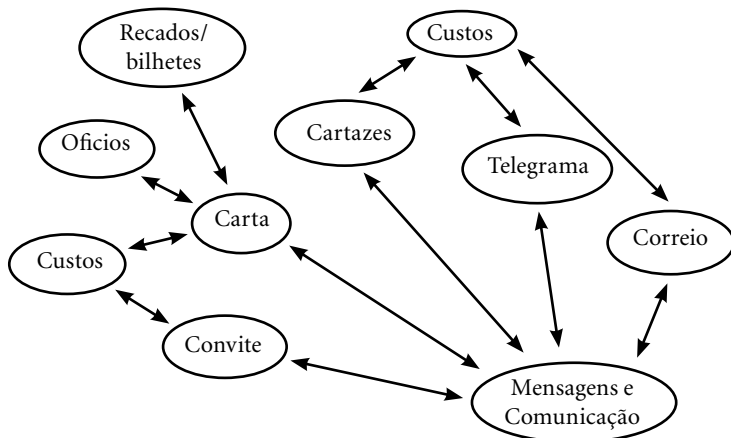
Referências bibliográficas

AZAMBUJA, J.Q. e SOUZA, M.L.R. O Estudo do Texto como Técnica de Ensino. In: ___ técnicas de ensino: por que não? VEIGA, Ilma P.A(org.) Campinas,SP: Papirus,1996.

PALHARES, P.B.B. Introdução. (org.) ELEMENTOS DA MATEMÁTICA: PARA PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO. LIDEL, Lisboa- Porto- Coimbra, 2004.

SILVA,T.T.(org.) Identidade e Diferença. São Paulo, Editora Vozes. 2ª.Edição, 2003.

Mapa conceitual do tema gerador: mensagens e comunicação



O SABER DE CASA VAI PARA A ESCOLA

O SABER DO COTIDIANO

Podemos iniciar pelo estudo da Carteira de Identidade (RG-Registro Geral), verificando cada documento, a importância de cada um, como se faz para obtê-los, utilizando os documentos de identificação que os próprios educandos possuem. Estes documentos nos dão a identidade de cidadão brasileiro, e, é mais uma função social da escrita: registrar para documentar e arquivar. Com documentos, somos este cidadão que participa ativamente da vida política do país.

Apresentando a Carteira de Identidade, vamos estimular os educandos a identificar o seu significado através dos códigos que já dominam como a linguagem oral, pictórica, numérica, gestual e a digital, sabendo que esta é uma marca pessoal e por isso é possível a identificação de uma pessoa.

- O que significa ter um documento?
- Quem será essa pessoa?
- Qual a sua idade?
- De onde ela vem?
- Quem mais pertence a esse lugar?
- Onde fica este Estado ou cidade?
- Você conhece alguma pessoa com esse nome?

Atividade

Preenchendo ficha de dados pessoais

Esta atividade foi incorporada em nossos trabalhos porque tivemos turmas que na hora de procurar emprego tinham que preencher fichas, e muitas não souberam fazê-lo.

Documento	número	Data de emissão	Órgão expedidor
C.P.F.			
R.G.			
Título Eleitor			
Carteira Reservista			
Carteira de Trabalho			

ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____
CEP: _____
PROFISSÃO: _____
LOCAL DE TRABALHO: _____

Procuramos estudar os números dos documentos e através deles conhecer mais a cada um de nossos educandos.

Lembrar que a própria leitura dos números em documentos, principalmente a do RG é lido de forma diferente. Através do RG de cada um, ou outro documento, como a Certidão de Nascimento, podemos fazer uma tabela, em ordem alfabética, com data de nascimento, idade, sexo e local de nascimento com o objetivo de conhecer a cada um e saber na totalidade dos educandos como é constituído este grupo especificamente:

Nome	Sexo		Data Nascimento	Idade	Local Nascimento		Frequência escolar
	Fem.	Masc.			Estado	Cidade	
	Ana Maria da Silva	X					
Benedita de Souza	X		03/07/39	69	Ceará	Fortaleza	4ª. série
Evair Pereira Santos		X	20/07/53	52	Pernambuco	Caruru	nenhuma

Com essa atividade estamos trabalhando a matemática, os números da vida de cada um, e construímos uma tabela, pois a tabela é uma função da matemática para organizar os dados que temos, e depois interpreta-los, por exemplo:

- Quantas mulheres e quantos homens há na sala de aula?
- Qual a faixa etária da turma?
- Qual o local de nascimento predominante da turma?
- Quem é o mais velho? Quem é o mais novo?
- Quantas pessoas são de outros estados?

A importância de se compreender tabelas, seus objetivos e sua interpretação, esclarecem Fernandes e Portela (2004) que a estatística é um método quantitativo, muito utilizado hoje em dia, pois é um meio facilitador de uma participação mais crítica e cidadã de cada pessoa na sociedade. Os resultados estatísticos podem ser interpretados de maneira abusiva em interesses de certos grupos sociais em detrimento de outros, por isso a importância de se conhecer, como se faz e como se constrói a interpretação; esclarecem, ainda, que a estatística tem contribuído muito para o trabalho científico e que sua aplicação está muito bem consolidada.

Para aqueles autores, a estatística é um ramo da matemática aplicada, os métodos são rigorosos e precisos, e, para isso é necessário que as questões apresentadas para a coleta de dados sejam cuidadosas e rigorosas ao mesmo tempo, para que as respostas sejam genuínas.

Com o primeiro quadro pode se construir uma tabela onde teremos o número de educandos quanto à idade e ao sexo. Este novo quadro trará resultados importantes para o educador conhecer melhor o seu grupo e também, para as estatísticas na EJA de sua cidade.

Nesse momento, levar os dados que já se têm da cidade ou então buscar pela internet os últimos dados do censo, pois mostrará como é importante conhecermos quem são as pessoas que ainda não estudam e discutir porque elas, assim como os educandos da turma, não tiveram a oportunidade de freqüentar os bancos escolares.

Poderemos construir uma tabela de toda a demanda para estudar com os educandos a necessidade, ou não, de se criar novas salas de escolarização de Jovens e Adultos. Inclusive mostrando tabelas do MEC/SECAD (busca no portal do MEC - www.mec.gov.br)

Ex. Quadro de homens e mulheres quanto à faixa etária por turma:

Faixa Etária	Homens	Mulheres	Total
20 a 30	00	04	04
31 a 40	01	05	01
41 a 50	03	02	05
Total	04	11	15

Com essa tabela podemos interpretar vários dados importantes para se conhecer melhor as pessoas com quem trabalhamos, e elas, por sua vez, acabam se conhecendo melhor.

Por que temos mais educandos numa certa faixa etária?

Isto é importante porque sabemos quando houve a democratização das escolas públicas e a política pública –LDB, o que as políticas públicas têm desenvolvido quanto ao EJA no Brasil. Temos que pesquisar e estudar junto com a turma para que todos compreendam as suas próprias dificuldades de acesso à escola.

Podemos trabalhar com questionários elaborados coletivamente dentro da sala de aula para que os educandos compreendam a importância de se fazer uma boa pergunta. Fazer a pesquisa em seu próprio bairro, trazer para a sala de aula e categorizar as respostas e elaborar o quadro, depois o gráfico e analisar e interpretar os dados.

Utilizando outros dados da primeira tabela, podemos verificar quantas pessoas vêm de cada estado ou cidade e montar uma tabela específica e outro gráfico:

Atividade

Tabela: Origem de local de nascimento dos Educandos da Turma A

Sexo/Estado	Bahia	Ceará	Minas Gerais	São Paulo
Feminino	03	02	05	05
Masculino	02	01	03	06
TOTAL	05	03	08	11

Gráfico: Origem do local de nascimento dos Educandos da Turma A

Atividades

1- Onde moramos

Geralmente, quando introduzimos essa tabela acabamos partindo para os estudos da natureza e sociedade, através de mapas do Brasil Político. A partir dos mapas, mostramos onde estão os estados em que o grupo nasceu, e quantas pessoas nasceram em estados diferentes e mostramos a relação de seus estados de origem com o Estado de São Paulo.

Distribuímos um mapa do Brasil Político para cada educando, com seus estados e capitais, suas principais cidades e dialogamos sobre o que cada um conhece sobre a produção de seu estado.

- o que cultivam
- qual a vegetação
- qual o relevo
- quais são os rios principais
- em que as pessoas trabalham

Estudamos o Brasil dividido em regiões e mostramos nos jornais, tanto televisivos quanto em imprensa escrita como as regiões aparecem e em que situações citam os nomes das regiões e dos estados, ou cidades.

Verificamos a distância, mostramos o que é uma escala, e porque ela é importante, e aprendemos e ensinamos a fazer a leitura das legendas.

Com o mapa, identificamos junto com os nossos educandos os nomes dos Estados e das Capitais, e vamos mostrando a tabela já elaborada coletivamente, ao mesmo tempo em que cada um verifica em seu mapa onde ficam os estados de origem da turma.

Mostramos que esse tipo de organização com os nomes das cidades é diferente de organizar em ordem alfabética, entretanto, para aqueles que ainda estiverem na fase silábica / alfabética utilizar o alfabeto móvel, contribuirá para a passagem ao nível alfabético, construindo a lista dos nomes das capitais.

Dependendo do nível alfabético em que estiverem nossos educandos poderemos jogar o BINGO utilizando os estados com as capitais, assim, avaliamos a memorização e o reconhecimento dos estados e capitais.

Voltando ao mapa Brasil Político mostramos aos educandos onde fica o Estado em que moramos e a região. Quando moramos na capital fica fácil mostrar a cidade, mas quando não, precisamos procurar e mostrar a distância de nossa cidade para a capital e para a cidade de origem.

Quando dialogamos sobre as distâncias estaremos trabalhando com outra unidade de medida, o quilometro (KM). Aproveitamos para mostrar mapas rodoviários que contemham a quilometragem entre as capitais e as cidades principais do estado, e assim, estaremos mostrando mais um tipo de texto e a maneira correta de buscar as informações.

Quando o educando aprende a contar, ele estará lidando com objetos separados numa correspondência um a um, mas, quando é a medição, lida-se com grandezas que são contínuas: comprimento, massa e tempo.

Apresentamos a seguir o mapa de nosso Estado, o mapa Político, para estudarmos nosso estado e a cidade em que moramos.

Fazemos o mesmo estudo das regiões, das cidades principais e seus principais produtos de comercialização e de industrialização. Introduziremos os produtos das regiões do campo e das regiões industrializadas, poderemos discutir e dialogar sobre o campo e a cidade, seus problemas, suas tensões, as lutas pela reforma agrária e os assentamentos.

Ao buscar na memória como e onde vivíamos, muitos temas poderão surgir, por isso o ouvir nossos educandos é tão importante. Muitas vezes são lembradas coisas que se fazia quando criança e jovem, o que se comia, como se vestia, as dificuldades e problemas da época, seus instrumentos de trabalhos e a organização familiar. Esse diálogo valoriza cada um, a sua cidadania é percebida e sentida.

Os números no cotidiano: resolução de problemas

São muitos os números que aparecem em nosso cotidiano, além dos números que recebemos ao longo da vida. Porém, um certo problema que sempre apareceu em nossas salas de aula foi do orçamento familiar. No tema que estamos propondo e que já trabalhamos, emerge a discussão do salário que se tem, do que se faz para melhorar os rendimentos familiares, o quanto se gasta com transporte, alimentação e moradia.

Tratar dos elementos da matemática não sendo especialista nesta área nos traz muita insegurança. Entretanto, acreditamos, assim como Palhares (2004), que a resolução de situações problemáticas (numéricas e não numéricas) deva ser uma atividade central, pois desenvolve o raciocínio apoiando-se em operações lógicas elementares, em materiais e linguagem gráfica.

A resolução de problemas coloca o aluno em situação viva e ativa de aprendizagem, dando-lhe a oportunidade de construir noções como resposta às interrogações levantadas (exploração e descoberta de novos conceitos). Podemos declarar que quando o problema faz parte da vida do educando, é real, ele traz para sala de aula para ser discutido, temos, portanto, uma necessidade, um desejo de aprender, isto é significativo.

Porém, temos que entender porque escolhemos esta metodologia. Inicialmente, porque quando trabalhamos com elementos

do conhecimento do cotidiano dos educandos sabemos o quanto a aprendizagem se torna muito mais eficaz. Sabemos, também, da importância de problematizar uma situação para que os educando encontrem com satisfação a solução que se inicia no senso comum compreendemos que quando o educando, muitas vezes, não encontra as soluções, não é por falta de conhecimentos matemáticos, mas sim, por não saber utilizar esses conhecimentos, e, como declara VALE e PIMENTEL (2004) só se aprende a resolver problemas resolvendo problemas.

Para VALE e PIMENTEL (2004) um bom problema existe quando permite uma relação com o que o educando já sabe e o novo conhecimento possa ser aplicado e adaptado para completar a solução, é também, quando a partir de algo que faz sentido e onde o caminho para a solução não está completamente visível, e, finalmente quando é desafiante e interessante.

Essas autoras esclarecem:

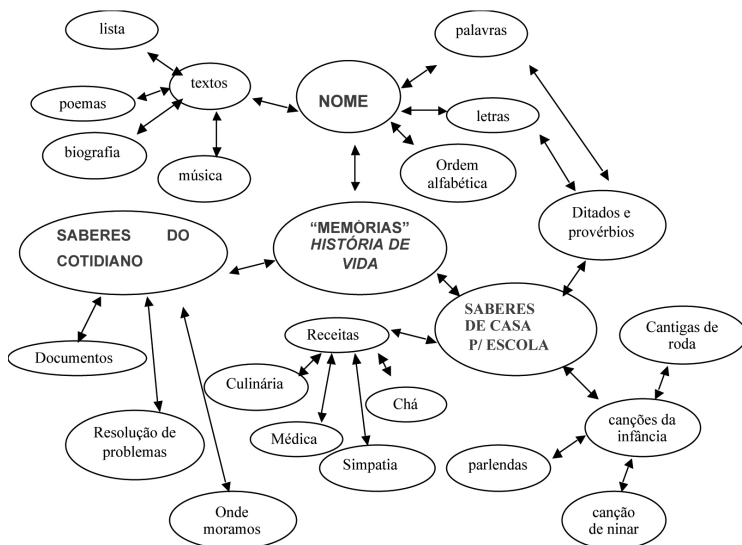
Segundo o senso comum, ou seja, num contexto social do cotidiano, a resolução de problemas é um processo através do qual o indivíduo ou o grupo identifica e descobre meio eficaz para resolver conflitos com os quais se confronta no dia a dia. (2004,p.11)

Explicitam, ainda, que é um processo em que se têm vários elementos que se combinam e que são necessários até para enfrentarem novas situações semelhantes, isto é, é um processo cognitivo de aprendizagem, onde o educando aprende a organização da informação, o conhecimento de estratégias, as diferentes formas de representação, a tradução de linguagens, a aplicação de vários conhecimentos, a tomada de decisões, a interpretação de soluções, etc.assim, podemos concluir que é uma atividade cognitiva complexa que põe em jogo várias capacidades de ordem superior.

Dessa forma, podemos trabalhar com problemas do cotidiano de nossos educandos a partir de tema geradores que aparentemente não são temas para matemática, como este que estamos dando exemplo, MEMÓRIAS, mas que a partir do diálogo estabelecido, da confiança e da credibilidade que o educador constrói com seus educandos, emerge da escuta das vozes dos educandos os desafios da vida cotidiana de nossa turma.

Quando nos damos conta de toda a discussão, percebemos que re-escrever a história de vida dessas pessoas nos leva a profundos estudos e que o conhecimento quando compartilhado se torna real e significativo. Porque acreditamos que cada um é importante na história de uma nação, e que cada pessoa resgatando a sua própria história se percebe construtor dela e se apropria de um conhecimento que até então estava pronto somente para alguns privilegiados.

Mapa conceitual: “memórias”



RECEITAS DE NOSSAS VIDAS

O ser humano precisou materializar suas mensagens, para que se buscasse através da escrita o que a memória poderia esquecer, e também, para deixar o seu fazer cotidiano registrado para que outras pessoas pudessem compartilhar de suas descobertas. Assim, escrevemos por necessidade de materializar as mensagens, ou seja, o que está escrito não se perde no tempo nem no espaço, ao mesmo tempo em que nos permite conectar com o outro a distância – *função de comunicação*.

Portanto, educandos e educadores se envolvem nos saberes do cotidiano. Nos conhecimentos desenvolvidos na vivência de cada pessoa, a visão que cada uma traz do mundo e que podem e devem ser compartilhados na sala de aula, muitos são os temas que geram as situações de estudos e pesquisas; é preciso estar atento, saber ouvir e identificar os domínios de leitura e escrita de nossa turma. Um de nossos temas desenvolvido por uma turma de mulheres dona de casa foi RECEITAS.

As receitas são utilizadas em muitos momentos de nossa vida. Temos receitas culinárias, de médicos, de simpatias, de cimento, uma variedade de textos e seus mais diferentes portadores com que lidamos em nosso dia a dia. Receitas culinárias estão em livros, revistas, latas e caixas de alimentos, panfletos, são lidas por locutores de rádio, são escritas nas telas da televisão.

Por isso utilizaremos a escrita de receitas, porque são textos verdadeiros criados e recriados no cotidiano de nossa vida e muitos se encontram na oralidade de nossos educandos. Quem não conhece uma boa receita para curar gripes e resfriados? Receita para encontrar namorado? Receita para um bom casamento? Ou então uma receita para adoçar a vida com belos doces ou então uma boa comida caseira?

Receita é um texto que muitos conhecem, entretanto alguns não sabem escrever ou ler, mas o sabem de memória, e muitas vezes se atrapalham porque não escreveram e assim esqueceram.

As receitas podem contar a história brasileira, as influências sofridas e alegres com as diversas culturas de imigrantes, migrantes, indígenas ao longo do tempo e que se incorporam em nosso cotidiano. Resgatando as memórias de receitas que as mães, avós, utilizavam na cozinha, podemos dar continuidade ou mesmo iniciar o processo de aquisição da língua escrita.

- quais os tipos de receitas que conhecemos;
- porque elas são importantes
- em que lugares utilizamos as receitas
- precisamos guardá-las
- qual receita se guarda e porquê
- como se guarda uma receita
- qual origem da receita

O uso efetivo das habilidades, conhecimentos e atitudes da leitura e escrita em práticas sociais implica outras habilidades como capacidade de pesquisa, argumentação, análise e síntese, isto é, proporcionar condições, mesmo em sala de aula, de desenvolvimento do Letramento ou Alfabetismo.

1- RECEITAS CULINÁRIAS

As receitas culinárias apareceram em nossas salas onde tínhamos um número representativo de donas de casa. Uma conversa sobre receitas culinárias vai depender de quem são seus educandos e qual o interesse deles. Em nosso caso foi uma turma de mulheres, dona de casa, que queriam fazer uma festa de aniversário para a educadora, e com essa necessidade pudemos discutir as receitas dos

alimentos que seriam levados na festinha e mais, a quantidade, os valores, para que ninguém gastasse mais do que o outro educando. Apresentaremos uma atividade inicial:

Atividade

Em duplas sugerimos que contassem um para o outro a comida que mais gosta de saborear, e, logo a seguir passar a receita, mesmo sendo oralmente. O educador fará um levantamento dos tipos de pratos que foram comentados na sala de aula fazendo um texto de Lista de Pratos Saboreados, caso apareçam pratos doces e salgados aproveitamos para elaborar um quadro com essa classificação já colocando em ordem alfabética:

Quadro de pratos mais saboreados

Pratos Salgados	Pratos Doces
Arroz Carreteiro	Arroz Doce
Feijoada	Brigadeiro
Galinhada	Queijadinha
Macarronada	Pudim de leite

Coletivamente escolheremos um prato para ser escrita a receita. Por exemplo: Arroz Carreteiro.

A discussão que ocorre na sala de aula é muito importante, porque aparecerão mais de uma receita e discutimos até chegar a um consenso ou que acreditem ser a melhor.

Escrever o texto de receitas é estar organizando as idéias de quem faz a receita no cotidiano, sem muitas medidas, sem pensar no que vem primeiro, no tempero, e à medida que vamos dialogando sobre qual receita será escrita, já estaremos organizando o texto. Escrever um texto é escrever algo falado ou escrito que está numa

situação social real que se constitui como um todo coerente, que será lido por alguém que precisa compreender o que o escritor está realmente querendo deixar registrado.

Receita Arroz Carreteiro

1 - Ingredientes

04 xícaras de arroz agulhinha;

08 xícaras de água

02 colheres de óleo vegetal;

01 cebola grande;

300 gramas de toucinho defumado;

½ kl de carne seca;

sal a gosto;

01 xícara de salsa e cebolinha ;

04 cenouras;

Podemos verificar que esta receita possui vários tipos de unidades de medidas começam com xícara, passa para colher, vai para gramas e quilo. Precisamos chamar a atenção e mostrar o quanto é importante conhecermos as unidades básicas de medida, o que é que equivalem a xícaras, colheres, pitadas, etc...Para isso podemos montar o seguinte quadro, que encontramos em vários livros de receitas culinárias.

Só por curiosidade deixaremos registrado as medidas que o livro de receitas fornecido pelo SESI, ALIMENTE-SE BEM POR R\$1,00:

MEDIDA	EQUIVALENTE EM PESO
1 xícara de chá	Qualquer legume 100g Qualquer líquido 200ml Açúcar 130g Arroz 160g Feijão 160 g Fubá 150g Macarrão 150g Talos picados 50g Casca de melancia 150g Farinha de mandioca 180g Farinha de rosca 120g Farinha de trigo 120g
1 colher de chá	Açafrão 5g Sal 10g Fermento em pó 5g
1 colher de sobremesa	Orégano 2g Fermento em pó 7g
1 colher de sopa	Açúcar 20g Arroz 10g Cebola 30g Maisena 20g Óleo 8g Sal 5g Salsa 5g Vinagre 5ml Manjericão 5g Margarina 30g Queijo ralado 10g Fermento em pó 20g Fermento biológico 20g de mandioca 10g Farinha de rosca 10g Farinha de trigo 20g

Com essa tabela poderemos modificar as medidas tornando-as mais universais, pois estaremos utilizando medidas precisas numa linguagem matemática. Provavelmente durante a discussão para escolher qual receita seria escrita coletivamente, muita dessas questões foram surgindo, e mostramos as diferenças de medidas que podemos utilizar numa receita.

Poderemos escrever novamente a receita de arroz carreteiro, agora utilizando uma só unidade de medida, aquela que foi escolhida pela turma.

Entretanto, só com os ingredientes não se faz uma boa receita, o texto que vem a seguir é:

Modo de preparar

- 1 - Deixa-se a carne seca em água durante 06 horas, trocando a água por três vezes;
- 2 - Corta-se:
 - a cebola em pedaços pequenos;
 - a cenoura em pedaços médios;
 - o toucinho defumado;
- 3 - Coloca-se o óleo numa panela para esquentar e vai se colocando:
 - primeiramente o toucinho defumado, quando este estiver dourado acrescenta-se a cebola e a cenoura deixando dourar.
- 4 - Coloca-se a carne seca (sem a água) espere dourar e acrescente o arroz.
- 5 - Finalmente acrescentar a água dar uma boa mexida para misturar os ingredientes, colocar sal a gosto;
- 6 - Quando a água levantar fervura jogar a salsa e a cebolinha.
- 7 - Esperar secar a água, desligar.
- 8 - Deixar a panela tampada sem mexer por 10 minutos e depois servir.

Esta porção dará para 06 pessoas.

Geralmente quando trabalhamos a primeira receita, no dia seguinte ela vem preparada e pronta para ser servida pelos educandos.

Atividade

Origem das receitas

- Qual a origem do nome deste prato?
- Quais as mudanças que já ocorreram na elaboração do prato
- De que país, estado, região ou povo veio

Com estas curiosidades procuramos verificar como surgiu esta receita descrita logo acima e encontramos na Internet, através do www.google.br – história do arroz carreteiro.

Arroz de carreteiro (receita dos tropeiros)

Autor: Sérgio Fernando Hess de Souza

*Esta é uma receita que aprendi quando criança, de um tropeiro que sempre passava por **Luis Alves**, e acampava no nosso terreno com sua tropilha e peões. O tropeiro se chamava **VALDOMIRO NEVES** e vinha de Ponte Alta do Sul (perto de Lages).*

Ingredientes para 20 pessoas:

5 kg de charque*** (carne seca) com gordura;

1 kg de lingüiça pura e maturada (opcional);

1,6 kg de arroz amarelo;

5 Cebolas grandes;

10 dentes de alho;

200 gr de toucinho ou bacon;

Sal e pimenta.

Modo de fazer:

Dessalgue o charque já cortado em pequenos cubos, sem fervê-lo, colocando-o numa vasilha com água, que deverá ser trocada a cada duas horas; (+- 12 horas).

Coloque o arroz de molho, sem lavá-lo.

Corte a lingüiça em rodela, frite-as e reserve sem o excesso de gordura;

De preferência numa panela de ferro ou outra de parede grossa, derreta o toucinho (bacon), e doure o alho e a cebola. Após, coloque o charque, a lingüiça já frita (opcional) e a pimenta a gosto, acrescentando +- 1 litro de água. Deixe cozinhar no mínimo por 30 minutos, colocando em seguida o arroz. Verifique o sal e a água, completando-os se necessário. Sirva em seguida.

Dicas:

O charque + maturado acentua o paladar e torna o arroz de carreteiro mais original;

Coloque o tempero verde num recipiente para que cada um se sirva a gosto;

Não ferva o charque para tirar o sal, mantendo desta forma o gosto mais autêntico;

Regule o sal somente ao final, pois com a fervura do charque o sal pode se acentuar;

Sirva o arroz de carreteiro assim que ficar pronto, ainda quente, e bom apetite;

O arroz deve corresponder a 1/3 do peso do charque;

Para cada quilo de charque, coloque uma cebola grande e dois dentes de alho;

O arroz leva de 10 a 20 minutos para cozinhar, dependendo do fogo; Quanto mais tempo cozinhar o charque, mais macio fica;

Verifique a quantidade de fogo, pois dependendo da panela poderá queimar o arroz.

Com este texto procuramos discutir comparando o texto elaborado pela turma e verificar o que faltou, o que tem a mais etc. Procurar no dicionário as palavras que não são conhecidas, para entender melhor a origem da receita. Por exemplo:

Arroz de Carreiro: Prato característico do cardápio gaúcho. Nascido da luta das estradas, seu sabor se confunde com o prazer de viver nestes pagos soberanos. (Extraído do livro de Salvador Ferrando Lamberty – “ABC do Tradicionalismo Gaúcho” , 2. Edição, Martins Livreiro Editor, 1989).

Carreiro: Aquele que conduzia as carreteadas, que era um veículo de tração animal, uma espécie de carroça puxada por bois. Os rangidos dos rodados eram a certeza do transporte do suprimento necessário para erguer-se um rancho, vanguarda dos confins das plagas do sul. Cortando distâncias, o carreiro deixava a família e a querência. Um fiambre, contendo charque, tinha presença na mochila do carreiro. Era o alimento protéico mais adequado para vencer a carreira das distâncias.

Partindo desse contexto, sugerimos o estudo através do mapa para localizar a região de origem da receita, e estudar porque este local tinha tropeiros e carreiros. Para se conhecer melhor a origem precisamos ter alguns conhecimentos como tipo de vegetação, relevo, rios, bacias e a importância do carreiro no Brasil. Como estamos estudando a região sul, nada mais justo do que discutir a imigração, suas lutas, guerras e batalhas. Tudo depende das discussões e diálogos que emergem na sala de aula.

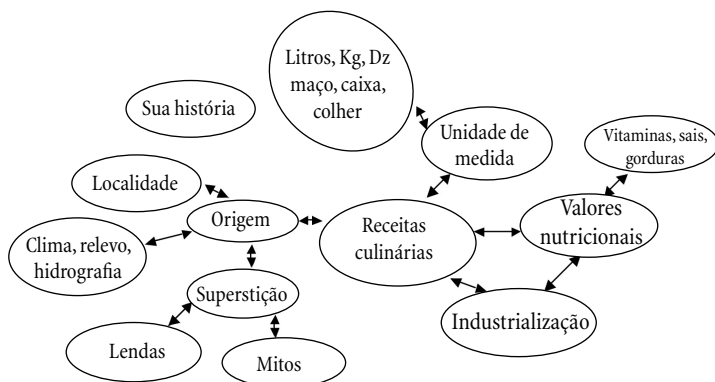
As aulas devem ser dinâmicas, não esquecendo das etapas para um bom desenvolvimento do processo metodológico: aula expositiva dialógica; problematização; instrumentalização; estudo de texto; estudo do meio; texto coletivo.

Após a discussão podemos aproveitar para escrever um livro de receitas culinárias, assim como fizemos com a agenda de telefones. Escrever receitas, trocar as experiências como autores de um livro, ao mesmo tempo em que compartilham os saberes buscam novos conceitos e conhecimentos.

Ao iniciarmos nossos educandos no mundo da escrita, não podemos esquecer que eles e elas o fazem como portadores de uma oralidade, de suas próprias vivências, que precisam ser respeitadas e reconhecidas, para tanto precisamos refletir sobre o papel que a oralidade está representando em suas vidas.

Vimos, portanto, que o trabalho com receitas culinárias poderá desenvolver a oralidade, a memória e assim, o discurso envolvendo a interpretação e conseqüentemente todo desenvolvimento cognitivo.

Ampliando o universo do senso comum para que possamos passar ao conhecimento científico desenvolvemos o seguinte mapa conceitual:



Este é um exemplo simples da continuidade que poderemos dialogar com nossos educandos. Se acreditarmos no tema gerador, na problematização, poderemos seguir o esquema. Não importa por onde se programe, o importante é que este esquema seja gerado com a participação de todos educandos.

Porém podemos gerar outros tantos temas se através do diálogo na sala de aula tivermos a sensibilidade de ouvir o que os nossos educandos têm a dizer sobre as suas preocupações, seus saberes, e principalmente sobre a s suas dúvidas.

Constatar / avaliar as hipóteses que os educandos estão, a partir de suas perguntas, de suas dúvidas para qualificar o processo de aquisição da língua escrita através das atividades planejadas e replanejadas, precisam estar baseadas nas teorias criticamente pensadas, sabendo-se que o ato de qualificar não é neutro, é um ato político, porque depende de nossas teorias e convicções que avaliamos.

2 - RECEITAS DE CHÁS

Curiosidade: O chá, hoje uma designação genérica, é, depois da água, a bebida mais consumida em todo o mundo. Geralmente preparado por infusão de folhas ou flores de plantas, faz parte de rituais, da medicina caseira e é complemento dos aconchegos da maioria dos povos da terra.

Conhecer um pouco da história do Chá torna o conhecimento do senso comum em conhecimento científico, por isso a importância de se disponibilizar os textos para todo o grupo, e, podemos seguir com a técnica já mencionada- estudo do texto.

Quanto não podemos dialogar com nossos educandos sobre os chás que conhecem e pra que servem. E, também, sobre a importância de conhecimentos populares e folclóricos, sobre os mitos e as credices? E ao final do diálogo organizarmos um livro sobre

os chás e buscar na bibliografia da homeopatia os cuidados que se deve ter para consumir os chás.

Podemos verificar quanto o grupo utiliza chás, quais os mais conhecidos, os mais indicados pelas vizinhas. Neste momento podemos convidar um médico, uma enfermeira, ou alguma pessoa de uma Universidade para estar dialogando com o grupo sobre os problemas que podem ser acarretados por não observar melhor as indicações médicas.

Não esquecendo que quando convidamos alguém para palestrar poderemos elaborar o convite e as perguntas coletivamente com o grupo, assim estaremos realmente aprendendo e ensinando a ler e a escrever dentro da função social da escrita. Não precisamos fantasiar uma situação, porque se pensarmos num planejamento de aula como já discutimos no capítulo I, com as etapas metodológica, saberemos que os próprios educandos estarão problematizando situações onde poderão ter a oportunidade de ler e escrever significativamente.

3 - RECEITAS MÉDICAS

Nosso direito de saber o que está escrito nestas receitas e como temos que procurar os remédios indicados nas farmácias populares e nos genéricos.

Se ainda não foi trabalhado o direito do consumidor, este é um momento importante, assim como, se já tiver sido realizado um estudo poderemos também retornar para deixar claro utilização das receitas médicas.

Como relatamos no tema anterior de receitas de chás, este também é um momento interessante de convidar alguém da área de saúde ou mesmo um farmacêutico para dialogar sobre remédios, bulas, auto-medicação, e, também sobre as farmácias populares e as condições dos idosos para a compra de remédios.

AS CANÇÕES DA NOSSA INFÂNCIA

Com este tema provocamos as recordações de parlendas, brincadeiras e muitas canções de ninar. Utilizando o mesmo método de diálogos e problematização buscamos nos concentrar no trabalho de desenvolver a oralidade, a leitura e a escrita, por exemplo:

Amanhã é domingo, pede cachimbo.

O cachimbo é de ouro, bate no touro.

O touro é valente, bate na gente.

A gente é fraco, cai no buraco.

O buraco é fundo, acabou-se o mundo.

Esta parlenda uma educanda nos ensinou e mostrou como se brincava, escrevemos no quadro e desenvolvemos um trabalho com as palavras e depois com alfabeto móvel. Mas, não sem uma boa discussão sobre o que significava a parlenda, assim, como todas as outras, precisamos buscar as origens delas e mostrar porque elas surgem, assim como as histórias infantis e as músicas de ninar aparecem como controle de comportamentos.

Atividade I

- digitamos a parlenda em uma folha quadriculando as palavras, com o objetivo de quantificar com quantas palavras se escreve esta parlenda;
- quais as palavras que se repetem, e por quê?
- Quais são as palavras que fazem a rima;

- Recortar as palavras 9 como um quebra -cabeça e montar em outra folha; (desenhar)
- Arquivar as parlandas confeccionando um novo livro;
- Trabalhar com o alfabeto móvel.

Atividade II

Se lembrarem de uma canção ou parlenda cuja brincadeira sabem, por exemplo: Escravos de Jó. Poderemos lembrar como cada uma de nós brincávamos e aproveitar para reescrever.

 Escravos de Jó,
 Jogavam caxangá
 Tira, põe, deixa fica.
Guerreiros com guerreiros
 Fazem zig – zig- zá
Guerreiros com guerreiros
 Fazem zig – zig- zá

Buscando na internet sobre a história desta parlenda encontrei a seguinte notícia, veja que interessante levarmos para nossos educandos:

Bom dia.

Estava lendo a parte de “Brincadeiras e Cantigas de Roda” do seu ótimo site mas tenho, como educador, obrigação de corrigir uma parte da letra do “Escravos de Jó”.

Sei que em algumas partes do Brasil o significado folclórico original foi perdido e palavras foram modificadas por outras que “faziam mais sentido” para quem as cantava.

Mas, como filho de mineiro, gostaria que vocês substituíssem o “Zé Pereira” do “Escravos de Jó” por “Zabelê”, que é a letra correta.

“Escravos de Jó, jogavam caxangá. Tira, põe (alguns cantam “bota”), deixa o ZABELÊ ficar...”.

A título de curiosidade:

Jó, um grande construtor da antiguidade, teve que construir uma grande obra num local onde não havia pedras. A solução que ele encontrou foi formar uma longa fila de escravos desde a pedreira até o local da obra, onde os escravos iam cantando e passando pedras de um para o outro, de maneira cadenciada, sem deixá-las cair no chão, até chegar no local da construção.

No Brasil: O reisado, mais antigo, tem um rei e um secretário-de-sala, que se batem a espada com altivos embaixadores de um governante que se nomeia, e movimenta figuras reais e fantásticas, o Urso, o Jaraguá, o Cacunda, o ZABELÊ, o capitão-de-campo e os escravos fugidos (escravos de Jó), o Lobisomem, o Mandu, o diabo e o Arcanjo Gabriel a disputar a posse de uma alma recém-desencarnada...

O jogo “Caxangá” foi trazido pelos Portugueses e consistia numa roda em que se passavam pedras de uma pessoa para outra. Posteriormente passou-se a utilizar caixas de fósforos.

É isso: Folclore também é cultura.

Parabéns pelo site.

abraço,

Paulo Marconi - marconi@rio.com.br

Portanto, quanto mais informações levarmos para nossos educandos mais interessantes serão as aulas, mais diálogos e muito mais vínculos para fortalecer o processo de apropriação da língua escrita. Ao mesmo tempo estamos mostrando a importância da escrita, e de como podemos fazer as intervenções através de cartas e bilhetes.

Com a parlenda podemos escrever como se brinca, as regras, o material para a brincadeira e descrever toda a maneira de brincar. Estamos inserindo um novo texto: O Texto Descritivo.

A reescrita é uma atividade muito importante, por isso a utilizamos principalmente neste tema – As canções da minha infância – porque o que já sabemos podemos escrever melhor. O que já sei de memória fica mais fácil de ler, pois como já se sabe falar é só prestar atenção nas palavras faladas, o ritmo e a cadência, com as palavras escritas.

Assim, re-memorar as canções, histórias e parlendas, não são importantes só para que possamos lembrar velhos tempos, mas porque o nosso objetivo é que nossos educandos se apropriem da linguagem escrita, como se apropriaram da oralidade.

PROVÉRBIOS E DITADOS POPULARES

Este é um tipo de texto que na maioria das vezes, e principalmente os adultos, conhecem. Por isso, se torna um texto completo fácil de se trabalhar no início da alfabetização. Trabalhamos com a hipótese de que aquilo que já se sabe fica mais fácil para se apropriarem do saber que está contido na linguagem escrita.

A técnica é a seguinte;

1. pede-se para cada educando falar um ditado popular ou provérbio que tem na cabeça e porque;

“AGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE A TÊ QUE FURA”

“CASA DE FERREIRO ESPETO É DE PAU”

“O SILÊNCIO É DE OURO E MUITAS VEZES É RESPOSTA.”

“SÓ PERCEBEMOS O VALOR DA ÁGUA DEPOIS QUE A FONTE SECA”

“UM GRAMA DE EXEMPLOS VALE MAIS QUE UMA TONELADA DE CONSELHOS”

“A MONTANHA É GRANDE, MAS NÃO CONSEGUE TAPAR O SOL”

“O RIO CONSEGUE ATINGIR OS SEUS OBJETIVOS PORQUE CONSEGUE CONTORNAR OS OBSTÁCULOS”

2. o educador faz uma lista e os coloca em folha de papel pardo e deixa afixado na sala de aula;
3. entrega para cada um digitado numa folha de sulfite A 4. Por exemplo:

CASA DE FERREIRO ESPETO É DE PAU

4. pedimos para contar as palavras que tem no texto;
5. Repetimos as palavras uma a uma, com o ritmo que o texto possui;
6. Pedimos para que recortem as palavras e as montem em outra folha, e desenhem o significado do ditado ou provérbio;
7. toda semana trabalha-se com um provérbio ou ditado popular que o grupo escolher;

Esta atividade tem dado bons resultados porque na hora em que o educando inicia a leitura do que já sabe, ele se sente bem e percebe que não é tão difícil. Depois, como é trabalhado palavra por palavra, e letra por letra, a memorização vai se tornando mecânica. Além de que a discussão em torno destes textos são muito boas, pois muitas vezes conseguimos derrubar tabus e pré-conceitos nas discussões do sentido e do significado para cada um.

Muitos outros saberes têm nossos educandos e levam para nossa sala de aula, o que precisamos é ouvir as vozes de nossos alunos, permitir a escuta democraticamente. Respeitar os saberes do cotidiano, porque não foi por coincidência que estas pessoas chegaram jovens e adultas sem ter uma participação ativa na sociedade. Elas sabem e conhecem a vida como ninguém, só não tiveram a oportunidade de se instrumentalizarem com a escrita e leitura para sobre-viver.

Considerações – não finalizadas

Compartilhar essas experiências surgiu da idéia de materializar ou sistematizar o vivido, o refletido para que todas as pessoas que marcaram a minha história se reconhecessem nelas. Foram tantas nestes últimos anos: estudantes universitários que contribuíram com suas inovações, compreensões e estudos; diretores de escolas, dirigentes municipais, assistentes sociais e pessoas de várias instituições governamentais e não governamentais que oportunizaram o diálogo com os estudantes de vários estados que contribuíram nas reflexões junto com os educandos. Houve também, pessoas que se tornaram amigas na dialogicidade de meu desenvolvimento teórico, e, outras que já se foram, mas deixaram a sua marca escrita na minha história.

Muitos encontrarão atividades que reconhecerão já realizadas e concretizadas em livros para a EJA, como por exemplo a coleção

do VIVER E APRENDER. Mas, queremos mostrar o quanto são possíveis de se realizar desde que entendamos o significado do conhecimento para os educadores e educandos.

Entretanto, as reflexões não param por aqui, estamos num constante devir, num constante aprendizado da vida que nos leva a sistematizar e a teorizar nossas práticas docentes.

O trabalho de alfabetizar e escolarizar vai além de simples receitas ou de campanhas e programas a qual nos veiculamos durante o nosso percurso, precisamos de políticas públicas em cada lugarejo, onde estiver uma apenas uma pessoa temos que estar presentes, pois temos uma dívida social para com as pessoas que não tiveram a possibilidade de freqüentar uma escola.

Neste meu percurso histórico percebi que a nossa dívida não é apenas com quem não freqüentou a escola, mas também com os nossos inúmeros educadores populares que se arriscam em suas metodologias apreendidas em suas histórias. Assim, podemos declarar que as universidades brasileiras precisam oportunizar a entrada, a permanência e a conclusão da formação destas pessoas, aceitando-as como educadoras que tem muito a ensinar e a aprender, assim como nós, tenham a possibilidade de se estudar para poder se investigando desvelar ao mundo os seus próprios saberes de maneira como a sociedade acadêmica deseja, para que possam, como nos alerta Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido:

Os oprimidos só começam a desenvolver-se quando, superando a contradição em que se acham, se fazem “seres para si”. (p.184)

A formação do educador popular dentro da Universidade Pública está sendo meu grande desafio.

Se entendermos que ser um educador é não estar alheio às condições concretas do tempo e do espaço, onde as nossas relações

com o mundo são relações históricas, e que somos seres atuantes, curiosos, capazes de correr riscos, transformadores, aptos pra intervir no mundo, porque o amanhã é uma possibilidade e como toda possibilidade há esperança, e com a esperança há o amanhã. Só não existe o amanhã quando não se pode lutar, quando falta coragem, vontade e sonhos.

Para tanto, é necessário discutir a realidade concreta associando ao conhecimento científico, a realidade do educando estabelecendo, como anuncia Paulo Freire, “uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social” que cada pessoa possui e construiu em sua própria história de vida. Compreendemos que a universidade no curso de graduação pode e deve incentivar os estudos e as pesquisas na formação do educador popular, partindo das experiências da EJA, de seus educadores populares, podemos formar pessoas para as escolas públicas de crianças e adolescentes tendo como referencial a educação popular.

Construir uma escola para todos e ao longo da vida, onde se deva exercer a democracia, nos diálogos do dia a dia construindo e sistematizando saberes, que fortalecerá e compreenderá as diferenças nas identidades e as igualdades de direitos e no compromisso de construir uma sociedade solidária.

Refêrencias bibliográficas

FREIRE, P. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. 43^A. Edição. Paz e Terra –RJ. 2005.

FERNANDES E PORTELA. Resolução de Problemas. In: ELEMENTOS DA MATEMÁTICA: PARA PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO. LIDEL, Lisboa- Porto- Coimbra, 2004.

PALHARES, P.B.B. Introdução. (org.) ELEMENTOS DA MATEMÁTICA: PARA PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO. LIDEL, Lisboa - Porto- Coimbra, 2004.

VALE, I. e PIMENTEL, T. Resolução de Problemas, in: ELEMENTOS DA MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO. LIDEL, Lisboa- Porto- Coimbra, 2004.

Sobre o livro

Formato 14x21 cm

Tipologia Minion (texto)
Janson Text (títulos)

Papel Off-set 75g/m² (miolo)
Cartão triplex 250g/m² (capa)

Projeto Gráfico Canal 6 Projetos Editoriais
www.canal6.com.br

Fotografia da Capa Ademir Silva Junior

Diagramação Marcelo Canal Woelke

Impressão e acabamento



www.avalondigital.com.br